

Koans e Contos Zen Buddhistas

Há uma estória indiana de um homem que era um ateu e agnóstico, um raríssimo tipo de postura na Índia. Ele era uma pessoa que desejava livrar-se de todas as formas de ritos religiosos, deixando apenas a essência da direta experiência da Verdade. Ele atraiu discípulos que costumavam se reunir a seu redor toda semana, quando ele falava a todos sobre seus princípios. Após algum tempo eles começaram a se juntar antes do mestre aparecer, porque eles gostavam de estar em grupo e cantar juntos.

Eventualmente foi construída uma casa para as reuniões, com uma sala especial para o mestre agnóstico. Após sua morte, tornou-se uma prática entre seus seguidores fazer uma reverência respeitosa para a agora sala vazia, antes de se entrar no salão. Em uma mesa especial a imagem do mestre era mostrada em uma moldura de ouro, e as pessoas deixavam flores e incenso lá, em respeito ao mestre.

Em poucos anos uma religião tinha crescido em torno daquele homem, que em vida não praticava nada disso, e que, ao contrário, sempre disse aos seus seguidores que ficar preso a estas práticas levava freqüentemente a pessoa a se iludir no caminho da Verdade.

"Tenhais confiança não no mestre, mas no ensinamento.

Tenhais confiança não no ensinamento, mas no espírito das palavras.

Tenhais confiança não na teoria, mas na experiência.

Não creiais em algo simplesmente porque vós ouvistes.

Não creiais nas tradições simplesmente porque elas têm sido mantidas de geração para geração.

Não creiais em algo simplesmente porque foi falado e comentado por muitos.

Não creiais em algo simplesmente porque está escrito em livros sagrados; não creiais no que imaginais, pensando que um Deus vos inspirou.

Não creiais em algo meramente baseado na autoridade de seus mestres e anciãos.

Mas após contemplação e reflexão, quando vós percebeis que algo é conforme ao que é razoável e leva ao que é bom e benéfico tanto para vós quanto para os outros, então o aceiteis e façais disto a base de sua vida."

Gautama Buddha - Kalama Sutra

Quando curiosamente te perguntarem, buscando saber o que é Aquilo,

Não deves afirmar ou negar nada.

Pois o que quer que seja afirmado não é a verdade,

E o que quer que seja negado não é verdadeiro.

Como alguém poderá dizer com certeza o que Aquilo possa ser

Enquanto por si mesmo não tiver compreendido plenamente o que É?

E, após tê-lo compreendido, que palavra deve ser enviada de uma Região

Onde a carruagem da palavra não encontra uma trilha por onde possa seguir?

Portanto, aos seus questionamentos oferece-lhes apenas o silêncio,

Silêncio - e um dedo apontando o Caminho.
Verso Zen

Antes de entendermos o Zen, as montanhas são montanhas e os rios são rios;
Ao nos esforçarmos para entender o Zen, as montanhas deixam de ser montanhas e os rios deixam de ser rios;
Quando finalmente entendemos o Zen, as montanhas voltam a ser montanhas e os rios voltam a ser rios.

1. Uma xícara de Chá

Nan-In, um mestre japonês durante a era Meiji (1868-1912), recebeu um professor de universidade que veio lhe inquirir sobre Zen. Este iniciou um longo discurso intelectual sobre suas dúvidas. Nan-In, enquanto isso, serviu o chá. Ele encheu completamente a xícara de seu visitante, e continuou a enchê-la, derramando chá pela borda.

O professor, vendo o excesso se derramando, não pode mais se conter e disse:

"Está muito cheio. Não cabe mais chá!"

"Como esta xícara," Nan-in disse, "você está cheio de suas próprias opiniões e especulações. Como posso eu lhe demonstrar o Zen sem você primeiro esvaziar sua xícara?"

2. Uma Parábola

Certa vez, disse o Buddha uma parábola: Um homem viajando em um campo encontrou um tigre. Ele correu, o tigre em seu encalço. Aproximando-se de um precipício, tomou as raízes expostas de uma vinha selvagem em suas mãos e pendurou-se precipitadamente abaixo, na beira do abismo. O tigre o farejava acima. Tremendo, o homem olhou para baixo e viu, no fundo do precipício, outro tigre a esperá-lo. Apenas a vinha o sustinha.

Mas ao olhar para a planta, viu dois ratos, um negro e outro branco, roendo aos poucos sua raiz. Neste momento seus olhos perceberam um belo morango vicejando perto. Segurando a vinha com uma mão, ele pegou o morango com a outra e o comeu.

"Que delícia!", ele disse.

3. Nas Mãos do Destino

Um grande guerreiro japonês chamado Nobunaga decidiu atacar o inimigo embora ele tivesse apenas um décimo do número de homens que seu oponente. Ele sabia que poderia ganhar mesmo assim, mas seus soldados tinham dúvidas. No caminho para a batalha ele parou em um templo Shintó e disse aos seus homens:

"Após eu visitar o relicário eu joguei uma moeda. Se a Cara sair, iremos vencer; se sair a Coroa, iremos com certeza perder. O Destino nos tem em suas mãos."

Nobunaga entrou no templo e ofereceu uma prece silenciosa. Então saiu e jogou a moeda. A Cara apareceu. Seus soldados ficaram tão entusiasmados a lutar que eles ganharam a batalha facilmente.

Após a batalha, seu segundo em comando disse-lhe orgulhoso:

"Ninguém pode mudar a mão do Destino!"

"Realmente não..." disse Nobunaga mostrando-lhe reservadamente sua moeda, que tinha sido duplicada, possuindo a Cara impressa nos dois lados.

4. Garotas

Tanzan e Ekido certa vez viajavam juntos por uma estrada lamacenta. Uma pesada chuva ainda caía, dificultando a caminhada. Chegando a uma curva, eles encontraram uma bela garota vestida com um quimono de seda e cinta, incapaz de cruzar a intercessão.

"Venha, menina," disse Tanzan de imediato. Erguendo-a em seus braços, ele a carregou atravessando o lamaçal.

Ekido não falou nada até aquela noite quando eles atingiram o alojamento do Templo. Então ele não mais se conteve e disse:

"Nós monges não nos aproximamos de mulheres," ele disse a Tanzan, "especialmente as jovens e belas. Isto é perigoso. Por que fez aquilo?"

"Eu deixei a garota lá," disse Tanzan. "Você ainda a está carregando?"

5. Sem trabalho, Sem comida

HYAKUJO, o mestre Zen chinês, costumava trabalhar com seus discípulos mesmo na idade de 80 anos, aparando o jardim, limpando o chão, e podando as árvores. Os discípulos sentiram pena em ver o velho mestre trabalhando tão duramente, mas eles sabiam que ele não iria escutar seus apelos para que parasse. Então eles resolveram esconder suas ferramentas.

Naquele dia o mestre não comeu. No dia seguinte também, e no outro.

"Ele deve estar irritado por termos escondido suas ferramentas," os discípulos acharam. "É melhor nós as colocarmos de volta no lugar."

No dia em que eles fizeram isso, o mestre trabalhou e comeu exatamente como antes. À noite ele os instruiu, simplesmente:

"Sem trabalho, sem comida."

6. Nada Existe

YAMAOKA TESSHU, quando um jovem estudante Zen, visitou um mestre após outro. Ele então foi até Dokuon de Shokoku. Desejando mostrar o quanto já sabia, ele disse, vaidoso: "A mente, Buddha, e os seres sencientes, além de tudo, não existem. A verdadeira natureza dos fenômenos é vazia. Não há realização, nenhuma delusão, nenhum sábio, nenhuma mediocridade. Não há o Dar e tampouco nada a receber!"

Dokuon, que estava fumando pacientemente, nada disse. Subitamente ele acertou Yamaoka na cabeça com seu longo cachimbo de bambu. Isto fez o jovem ficar muito irritado, gritando xingamentos.

"Se nada existe," perguntou, calmo, Dokuon, "de onde veio toda esta sua raiva?"

7. A Subjugação de um fantasma - Um Exorcismo Zen...

Uma jovem e bela esposa caiu doente e finalmente chegou às portas da morte.

"Eu te amo tanto," ela disse ao seu marido, "Eu não quero deixar-te. Prometas que não me trocarás por nenhuma outra mulher! Se tu não o fizeres, eu retornarei como um fantasma e te causarei aborrecimentos sem fim!"

Logo após, a esposa morreu. O marido procurou respeitar seu último desejo pelos primeiros três meses, mas então ele encontrou outra mulher e se apaixonou. Eles tornaram-se noivos e logo se casariam.

Imediatamente após o noivado um fantasma aparecia todas as noites ao homem, acusando-o por não ter mantido sua promessa. O fantasma era esperto, também. Ela lhe dizia tudo o que acontecia e era falado entre ele e sua noiva, mesmo as mais íntimas experiências.

Sempre que dava à sua noiva um presente, o fantasma o descrevia em detalhes. Ela até mesmo repetia suas conversas, e isso aborrecia tanto o homem que ele não era capaz de dormir. Alguém o aconselhou a expor seu problema a um mestre Zen que vivia próximo à vila. Enfim, em desespero, o pobre homem foi buscar sua ajuda.

"Então sua ex-esposa tornou-se um fantasma e sabe tudo o que você faz," comentou o mestre, meio divertido. "O que quer que você faça ou diga, o que quer que você dê à sua amada, ela sabe. Ela deve ser um fantasma muito sábio... Realmente você deveria admirar tal fantasma! A próxima vez que ela aparecer, barganhe com ela. Diga a ela exatamente o que direi a você..."

Naquela noite o homem encontrou o fantasma e disse o que o mestre havia instruído:

"Você sabe tanto de mim que eu nada posso esconder-lhe! Se você me responder apenas uma questão, eu lhe prometo desfazer meu noivado e permanecer solteiro."

"Na verdade, eu sei que você foi ver um mestre Zen hoje! Diga-me sua questão." Disse o fantasma.

O homem levantou sua mão direita fechada e perguntou:

"Já que sabes tanto, diga-me apenas quantos feijões eu tenho nesta mão..."

Neste exato momento não havia mais nenhum fantasma para responder a questão.

8. Verdadeira Riqueza

Um homem muito rico pediu a Sengai para escrever algo pela continuidade da prosperidade de sua família, de modo que esta pudesse manter sua fortuna de geração a geração.

Sengai pegou uma longa folha de papel de arroz e escreveu: "Pai morre, filho morre, neto morre."

O homem rico ficou indignado e ofendido. "Eu lhe pedi para escrever algo pela felicidade de minha família! Porque fizeste uma brincadeira destas?!?"

"Não pretendi fazer brincadeiras," explicou Sengai tranqüilamente. "Se antes de sua morte seu filho morrer, isto iria magoá-lo imensamente. Se seu neto se fosse antes de seu filho, tanto você quanto ele ficariam arrasados. Mas se sua família, de geração a geração, morrer na ordem que eu escrevi, isso seria o mais natural curso da Vida. Eu chamo a isso Verdadeira Riqueza."

9. Homem Santo

Boatos espalharam-se por toda a região acerca do sábio Homem Santo que vivia em uma pequena casa sobre a montanha. Um homem da vila decidiu fazer a longa e difícil jornada para visitá-lo. Quando chegou na casa, ele viu um simples velho dentro que o recebeu, abrindo a porta.

"Eu gostaria de ver o sábio Homem Santo," disse ele ao outro. O velho sorriu e permitiu-o entrar.

Enquanto eles caminhavam ao longo da casa, o homem da vila olhava ansiosamente em torno, antecipando seu encontro com um homem considerado um verdadeiro Santo. Mas antes que pudesse dar pela coisa, ele já havia percorrido a extensão da casa e levado para fora. Ele parou e voltou-se para o velho:

"Mas eu quero ver o Homem Santo!"

"Já o fizeste," disse o velho. "Todos que tu encontras em tua vida, mesmo se eles pareçam simples e insignificantes... veja cada um deles como um sábio Homem Santo. Se fizeres deste modo, então quaisquer que sejam os problemas que trouxestes aqui hoje, serão resolvidos..."

E fechou a porta.

10. Os Portais do Paraíso

Um orgulhoso guerreiro chamado Nobushige foi até Hakuin, e perguntou-lhe: "Se existe um paraíso e um inferno, onde estão?" "Quem é você?" perguntou Hakuin. "Eu sou um samurai!" o guerreiro exclamou. "Você, um guerreiro!" riu-se Hakuin. "Que espécie de governante teria tal guarda? Sua aparência é a de um mendigo!".

Nobushige ficou tão raivoso que começou a desembainhar sua espada, mas Hakuin continuou: "Então você tem uma espada! Sua arma provavelmente está tão cega que não cortará minha cabeça..."

O samurai retirou a espada num gesto rápido e avançou pronto para matar, gritando de ódio. Neste momento Hakuin gritou:

"Acabaram de se abrir os Portais do Inferno!"

Ao ouvir estas palavras, e percebendo a sabedoria do mestre, o samurai embainhou sua espada e fez-lhe uma profunda reverência.

"Acabaram de se abrir os Portais do Paraíso," disse suavemente Hakuin.

11. É mesmo?

Uma linda garota da vila ficou grávida. Seus pais, encolerizados, exigiram saber quem era o pai. Inicialmente resistente a confessar, a ansiosa e embaraçada menina finalmente acusou Hakuin, o mestre Zen o qual todos da vila reverenciavam profundamente por viver uma vida digna. Quando os insultados pais confrontaram Hakuin com a acusação de sua filha, ele simplesmente disse:

"É mesmo?"

Quando a criança nasceu, os pais a levaram para Hakuin, o qual agora era visto como um pária por todos da região. Eles exigiram que ele tomasse conta da criança, uma vez que essa era sua responsabilidade.

"É mesmo?" Hakuin disse calmamente enquanto aceitava a criança.

Por muitos meses ele cuidou carinhosamente da criança até o dia em que a menina não agüentou mais sustentar a mentira e confessou que o pai verdadeiro era um jovem da vila que ela estava tentando proteger.

Os pais imediatamente foram a Hakuin, constrangidos, para ver se ele poderia devolver a guarda do bebê. Com profusas desculpas eles explicaram o que tinha acontecido.

"É mesmo?" disse Hakuin enquanto devolvia a criança.

12. Certo e Errado

Quando Bankei realizava seus retiro semanais de meditação, discípulos de muitas partes do Japão vinham participar. Durante um destes Sesshins um discípulo foi pego roubando. O caso foi reportado a Bankei com a solicitação para que o culpado fosse expulso.

Bankei ignorou o caso.

Mais tarde o discípulo foi surpreendido na mesma falta, e novamente Bankei desdenhou o acontecimento. Isto aborreceu os outros pupilos, que enviaram uma petição pedindo a dispensa do ladrão, e declarando que se tal não fosse feito eles todos iriam deixar o retiro.

Quando Bankei leu a petição ele reuniu todos diante de si.

"Vocês são sábios," ele disse aos discípulos. "Vocês sabem o que é certo e o que é errado.

Vocês podem ir para qualquer outro lugar para estudar e praticar, mas este pobre irmão não percebe nem mesmo o que significa o certo e o errado. Quem irá ensiná-lo se eu não o fizer? Eu vou mantê-lo aqui mesmo se o resto de vocês partirem."

Uma torrente de lágrimas foram derramadas pelo monge que roubara. Todo seu desejo de roubar tinha se esvaecido.

13. Buddha Cristão

Um dos monges do mestre Gasan visitou a universidade em Tokyo. Quando ele retornou, ele perguntou ao mestre se ele jamais tinha lido a Bíblia Cristã. "Não," Gasan replicou, "Por favor leia algo dela para mim."

O monge abriu a Bíblia no Sermão da Montanha em São Mateus, e começou a ler. Após a leitura das palavras de Cristo sobre os lírios no campo, ele parou. Mestre Gasan ficou em silêncio por muito tempo.

"Sim," ele finalmente disse, "Quem quer que proferiu estas palavras é um ser iluminado. O que você leu para mim é a essência de tudo o que eu tenho estado tentando ensinar a vocês aqui."

14. A Lua Não Pode Ser Roubada

Ryokan, um mestre Zen, vivia a mais simples e frugais das vidas em uma pequena cabana aos pés de uma montanha. Uma noite um ladrão entrou na cabana apenas para descobrir que nada havia para ser roubado.

Ryokan retornou e o surpreendeu lá.

"Você fez uma longa viagem para me visitar," ele disse ao gatuno, "e você não deveria retornar de mãos vazias. Por favor tome minhas roupas como um presente."

O ladrão ficou perplexo. Rindo de troça, ele tomou as roupas e esgueirou-se para fora. Ryokan sentou-se nu, olhando a lua.

"Pobre coitado," ele murmurou. "Gostaria de poder dar-lhe esta bela lua."

15. Equanimidade

Durante as guerras civis no Japão feudal, um exército invasor poderia facilmente dizimar uma cidade e tomar controle. Numa vila, todos fugiram apavorados ao saberem que um general famoso por sua fúria e crueldade estava se aproximando - todos exceto um mestre Zen, que vivia afastado.

Quando chegou à vila, seus batedores disseram que ninguém mais estava lá, além do monge. O general foi então ao templo, curioso em saber quem era tal homem. Quando ele lá chegou, o monge não o recebeu com a normal submissão e terror com que ele estava acostumado a ser tratado por todos; isso levou o general à fúria.

"Seu tolo!!" ele gritou enquanto desembainhava a espada, "não percebe que você está diante de um homem que pode trucidá-lo num piscar de olhos?!?"

Mas o mestre permaneceu completamente tranqüilo.

"E você percebe," o mestre replicou calmamente, "que você está diante de um homem que pode ser trucidado num piscar de olhos?"

16. O ladrão que se tornou um discípulo

Uma noite quando Shichiri Kojun estava recitando sutras um ladrão com uma espada entrou em seu zendo, exigindo seu dinheiro ou a sua vida.

Shichiri disse-lhe:

"Não me perturbe. Você pode encontrar o dinheiro naquela gaveta." E retomou sua recitação.

Um pouco depois ele parou de novo e disse ao ladrão:

"Não pegue tudo. Eu preciso de alguma soma para pagar os impostos amanhã."

O intruso pegou a maior parte do dinheiro e principiou a sair.

"Agradeça à pessoa quando você recebe um presente," Shichiri acrescentou. O homem lhe agradeceu, meio confuso, e fugiu.

Poucos dias depois o indivíduo foi preso e confessou, entre outras coisas, a ofensa contra Shichiri. Quando Shichiri foi chamado como testemunha ele disse:

"Este homem não é ladrão, ao menos tanto quanto me diz respeito. Eu lhe dei o dinheiro e ele inclusive me agradeceu por isso."

Após o homem ter cumprido sua pena, ele foi a Shichiri e tornou-se um de seus discípulos.

17. Verdadeira regeneração

Ryokan devotou sua vida ao estudo do Zen. Um dia ele ouviu que seu sobrinho, a despeito das advertências de sua família, estava gastando seu dinheiro com uma prostituta. Uma vez que o sobrinho tinha substituído Ryokan na responsabilidade de gerenciar os proventos da família, e os bens desta portanto corriam risco de serem dissipados, os parentes pediram a Ryokan fazer algo.

Ryokan teve que viajar por uma longa estrada para encontrar seu sobrinho, o qual ele não via há muitos anos. O sobrinho ficou grato por encontrar seu tio novamente e o convidou a pernoitar em sua casa.

Por toda a noite Ryokan sentou em meditação. Quando ele estava partindo na manhã seguinte ele disse ao jovem: "Eu devo estar ficando velho, minhas mãos tremem tanto! Poderia me ajudar a amarrar minha sandália de palha?"

O sobrinho o ajudou devotadamente. "Obrigado," disse Ryokan finalmente, "você vê, a cada dia um homem se torna mais velho e frágil. Cuide-se com atenção." Então Ryokan partiu, jamais mencionando uma palavra sobre a cortesã ou as reclamações de seus parentes. Mas, daquela manhã em diante, o esbanjamento do seu neto terminou.

18. O Homem rico

Um homem queria ficar rico e, todos os dias, ia pedir a Deus que lhe atendesse às súplicas. Num dia de inverno, ao voltar da oração, avistou, presa no gelo do caminho, uma polpuda carteira de dinheiro.

No mesmo instante, julgou-se atendido. Mas como a carteira resistisse aos seus esforços, urinou em cima dela a fim de derreter o gelo que a retinha. E foi então. . .

Que despertou na cama toda molhada. . .

19. Morte de Tokuan

Mestre Tokuan (cujo nome significa "pepino") estava morrendo; um discípulo aproximou-se e perguntou-lhe qual era o seu testamento. Takuan respondeu que não tinha testamento; mas o discípulo insistiu:

- Não tendes nada... Nada para dizer?

- A vida não passa de um sonho.

E expirou.

20. Eremita e a ambição

Na China antiga, um eremita meio mágico vivia numa montanha profunda. Um belo dia, um velho amigo foi visitá-lo. Senrin, muito feliz por recebê-lo, ofereceu-lhe um jantar e um abrigo para a noite; na manhã seguinte, antes da partida do amigo, quis ofertar-lhe um presente.

Tomou de uma pedra e, com o dedo, converteu-a num bloco de ouro puro.

O amigo não ficou satisfeito; Senrin apontou o dedo para uma rocha enorme, que também se transformou em ouro.

O amigo, porém, continuava sem sorrir.

- Que queres, então? - indagou Senrin.

Respondeu-lhe o amigo:

- Corta esse dedo, eu o quero.

21. Presente de Insultos

Certa vez existiu um grande guerreiro. Ainda que muito velho, ele ainda era capaz de derrotar qualquer desafiante. Sua reputação estendeu-se longe e amplamente através do país e muitos estudantes reuniam-se para estudar sob sua orientação.

Um dia um infame jovem guerreiro chegou à vila. Ele estava determinado a ser o primeiro homem a derrotar o grande mestre. Junto à sua força, ele possuía uma habilidade fantástica em perceber e explorar qualquer fraqueza em seu oponente, ofendendo-o até que a este perdesse a concentração. Ele esperaria então que seu oponente fizesse o primeiro movimento, e assim revelando sua fraqueza, e então atacaria com uma força impiedosa e velocidade de um raio. Ninguém jamais havia resistido em um duelo contra ele além do primeiro movimento.

Contra todas as advertências de seus preocupados estudantes, o velho mestre alegremente aceitou o desafio do jovem guerreiro. Quando os dois se posicionaram para a luta, o jovem guerreiro começou a lançar insultos ao velho mestre. Ele jogava terra e cuspiam em sua face. Por horas ele verbalmente ofendeu o mestre com todo o tipo de insulto e maldição conhecidos pela humanidade. Mas o velho guerreiro meramente ficou parado ali,

calmamente. Finalmente, o jovem guerreiro finalmente ficou exausto. Percebendo que tinha sido derrotado, ele fugiu vergonhosamente.

Um tanto desapontados por não terem visto seu mestre lutar contra o insolente, os estudantes aproximaram-se e lhe perguntaram: "Como o senhor pôde suportar tantos insultos e indignidades? Como conseguiu derrotá-lo sem ao menos se mover?"

"Se alguém vem para lhe dar um presente e você não o aceita," o mestre replicou, "para quem retorna este presente?"

22. Caçando dois coelhos

Um estudante de artes marciais aproximou-se de seu mestre com uma questão:

"Gostaria de aumentar meu conhecimento das artes marciais. Em adição ao que aprendi com o senhor, eu gostaria de estudar com outro professor para poder aprender outro estilo. O que pensa de minha idéia?"

"O caçador que espreita dois coelhos ao mesmo tempo," respondeu o mestre, "corre o risco de não pegar nenhum."

23. O Mais Importante Ensino

Um renomado mestre Zen dizia que seu maior ensinamento era este: Buddha é a sua mente. De tão impressionado com a profundidade implicada neste axioma, um monge decidiu deixar o Monastério e retirar-se em um local afastado para meditar nesta peça de sabedoria. Ele viveu 20 anos como um eremita refletindo no grande ensinamento.

Um dia ele encontrou outro monge que viajava na através da floresta próxima à sua ermida.

Logo o monge eremita soube que o viajante também tinha estudado sob o mesmo mestre Zen.

"Por favor, diga-me se você conhece o grande ensinamento do mestre," perguntou ansioso ao outro.

Os olhos do monge viajante brilharam, "Ah! O mestre foi muito claro sobre isto. Ele disse que seu maior ensinamento era: Buddha NÃO é a sua mente."

24. Aprendendo do modo mais duro

O filho de um mestre em roubos pediu a seu pai para ensinar-lhe os segredos de seu ofício. O velho ladrão concordou e naquela noite levou seu filho para assaltar uma grande mansão. Enquanto a família dormia, ele silenciosamente levou seu aprendiz para dentro de um quarto que continha um armário de ricas roupas. O pai disse ao filho para entrar no armário e pegar algumas roupas. Quando o rapaz fez isso, seu pai rapidamente fechou a porta e o prendeu lá dentro. Então ele saiu, e bateu sonoramente na porta da frente, acordando consequentemente a família que dormia, e rapidamente fugiu antes que qualquer pessoa o visse.

Horas mais tarde, seu filho retornou à casa, em trapos e exausto.

"Pai!" ele gritou em fúria, "Porque o senhor me prendeu no armário? Se eu não tivesse usado desesperadamente meus recursos com medo de ser descoberto, eu jamais teria escapado. Tive que abandonar toda a minha timidez para sair de lá!"

O velho ladrão sorriu: "Filho, você acabou de ter sua primeira lição na arte da rapinagem..."

25. Gutei e o Dedo

O Mestre Gutei, sempre que lhe faziam uma pergunta, respondia levantando um dedo sem dizer nada. Um noviço adquiriu o vício de imitá-lo. Certo dia, um visitante perguntou ao noviço:

"Que sermão o Mestre está pronunciando agora?"

O noviço respondeu levantando o dedo. O visitante, quando se encontrou com o Mestre, contou-lhe que o noviço o imitara. Mais tarde, o Mestre escondeu uma faca nas vestes e chamou o noviço. Quando este se apresentou, Gutei perguntou-lhe:

"O que é Buddha?"

O rapaz, ansioso para impressionar o mestre, respondeu levantando o dedo. O Mestre então agarrou-lhe a mão e cortou-lhe o dedo com a faca. O discípulo, apavorado e em choque, já ia sair correndo, mas o Mestre o chamou com um grito:

"NOVIÇO!"

Quando o rapaz se voltou para o Mestre, este perguntou abruptamente :

"O que é Buddha?"

O discípulo ia levantar o dedo, mas não tinha mais dedo. Neste instante, ele alcançou o Satori.

26. Seguindo a corrente

Um velho homem bêbado acidentalmente caiu nas terríveis corredeiras de um rio que levavam para uma alta e perigosa cascata. Ninguém jamais tinha sobrevivido àquele rio. Algumas pessoas que viram o acidente temeram pela sua vida, tentando desesperadamente

chamar a atenção do homem que, bêbado, estava quase desmaiado. Mas, miraculosamente, ele conseguiu sair salvo quando a própria correnteza o despejou na margem em uma curva que fazia o rio.

Ao testemunhar o evento, Kung-tzu (Confúcio) comentou para todas as pessoas que diziam não entender como o homem tinha conseguido sair de tão grande dificuldade sem luta:

"Ele se acomodou à água, não tentou lutar com ela. Sem pensar, sem racionalizar, ele permitiu que a água o envolvesse. Mergulhando na correnteza, conseguiu sair da correnteza. Assim foi como conseguiu sobreviver."

27. O Sonho

Certa vez o mestre taoísta Chuang Tzu sonhou que era uma borboleta, voando alegremente aqui e ali. No sonho ele não tinha mais a mínima consciência de sua individualidade como pessoa. Ele era realmente uma borboleta. Repentinamente, ele acordou e descobriu-se deitado ali, um pessoa novamente.

Mas então ele pensou para si mesmo:

"Fui antes um homem que sonhava ser uma borboleta, ou sou agora uma borboleta que sonha em ser um homem?"

28. Egoísmo

O Primeiro Ministro da Dinastia Tang era um herói nacional pelo seu sucesso tanto como homem de estado quanto como líder militar. Mas a despeito de sua fama, poder e riqueza, ele se considerava um humilde e devoto Buddhista. Frequentemente ele visitava seu mestre Zen favorito para estudar com ele, e eles pareciam se dar muito bem. O fato de que ele era primeiro ministro aparentemente não tinha efeito em sua relação, que parecia ser simplesmente a de um reverendo mestre e seu respeitoso estudante.

Um dia, durante sua visita usual, o Primeiro Ministro perguntou ao mestre, "Mestre, o que é o egoísmo de acordo com o Buddhismo?"

O rosto do mestre ficou vermelho, e num tom de voz extremamente desdenhoso e insultuoso ele gritou em resposta:

"Que tipo de pergunta estúpida é esta?!?"

Tal resposta tão inesperada chocou tanto o Primeiro Ministro que este tornou-se imediatamente arrogante e com raiva:

"Como ousa me tratar assim?"

Neste momento o mestre Zen sorriu e disse:

"ISTO, Sua Excelência, é egoísmo..."

29. Conhecendo os Peixes

Certa vez Chuang Tzu e um amigo caminhavam à margem de um rio.

"Veja os peixes nadando na corrente," disse Chuang Tzu, "Eles estão realmente felizes..."

"Você não é um peixe," replicou arrogantemente seu amigo, "Então você não pode saber se eles estão felizes."

"Você não é Chuang Tzu," disse Chuang Tzu, "Então como você sabe que eu não sei que os peixes estão felizes?"

30. Plena Atenção

Após dez anos de aprendizagem, Tenno atingiu o título de mestre Zen. Num dia chuvoso, ele foi visitar o famoso mestre Nan-In. Quando ele entrou no mosteiro, o mestre recebeu-o com uma questão,

"Você deixou seus tamancos e seu guarda-chuva no alpendre?"

"Sim", Tenno replicou.

"Diga-me então," o mestre continuou, "você colocou seu guarda-chuva à esquerda de seu calçado, ou à direita?"

Tenno não soube como responder ao koan, percebendo afinal que ele ainda não tinha alcançado a plena atenção. Então ele tornou-se aprendiz de Nan-In e estudou sob sua orientação por mais dez anos.

31. Concentração

Após ganhar vários torneios de Arco e Flecha, o jovem e arrogante campeão resolveu desafiar um mestre Zen que era renomado pela sua capacidade como arqueiro.

O jovem demonstrou grande proficiência técnica quando ele acertou em um distante alvo na mosca na primeira flecha lançada, e ainda foi capaz de dividi-la em dois com seu segundo tiro.

"Sim!", ele exclamou para o velho arqueiro, "Veja se pode fazer isso!"

Imperturbável, o mestre não preparou seu arco, mas em vez disso fez sinal para o jovem arqueiro segui-lo para a montanha acima. Curioso sobre o que o velho estava tramando, o campeão seguiu-o para o alto até que eles alcançaram um profundo abismo atravessado por

uma frágil e pouco firme tábua de madeira. Calmamente caminhando sobre a insegura e certamente perigosa ponte, o velho mestre tomou uma larga árvore longínqua como alvo, esticou seu arco, e acertou um claro e direto tiro.

"Agora é sua vez," ele disse enquanto ele suavemente voltava para solo seguro.

Olhando com terror para dentro do abismo negro e aparentemente sem fim, o jovem não pôde forçar a si mesmo caminhar pela prancha, muito menos acertar um alvo de lá.

"Você tem muita perícia com seu arco," o mestre disse, percebendo a dificuldade de seu desafiante, "mas você tem pouco equilíbrio com a mente que deve nos deixar relaxados para mirar o alvo."

32. Professor de Sino

Um novo estudante aproximou-se do mestre Zen e perguntou-lhe como ele poderia absorver seus ensinamentos de forma correta.

"Pense em mim como um sino," o mestre explicou. "Me dê um suave toque, e eu irei lhe dar um pequeno tinido. Toque-me com força e você receberá um alto e profundo badalo."

33. O Elefante e a Pulga

Roshi Kapleau (um mestre Zen moderno) concordou em falar a um grupo de psicanalistas sobre Zen. Após ser apresentado ao grupo pelo diretor do instituto analítico, o Roshi quietamente sentou-se sobre uma almofada colocada sobre o chão. Um estudante entrou, prostrou-se diante do mestre, e então sentou-se em outra almofada próxima, olhando seu professor.

"O que é Zen?" o estudante perguntou. O Roshi pegou uma banana, descascou-a, e começou a comê-la.

"Isso é tudo? O senhor não pode me dizer nada mais?" o estudante disse.

"Aproxime-se, por favor." O mestre replicou. O estudante moveu-se mais para perto e Roshi balançou o que restava da banana em frente ao rosto do outro. O estudante fez uma reverência e partiu.

Um segundo estudante levantou-se e dirigiu-se à audiência:

"Vocês todos entenderam?" Quando não houve resposta, o estudante adicionou:

"Vocês acabaram de testemunhar uma completa demonstração do Zen. Alguma questão?"

Após um longo silêncio constrangido, alguém falou.

"Roshi, eu não estou satisfeito com sua demonstração. O senhor nos mostrou algo que eu não tenho certeza de ter compreendido. DEVE existir uma maneira de nos DIZER o que é o Zen!"
"Se você insiste em usar mais palavras," o Roshi replicou, "então Zen é 'um elefante copulando com uma pulga...'"

34. Livros

Hsüan-Chien, quando jovem, era um devoto estudante do buddhismo. Estudou muito os conceitos e as doutrinas, e tornou-se muito hábil em analisar os termos complexos, e se considerava um expert em filosofia budhista. Aprendeu de cor o Sutra do Diamante, e orgulhosamente escreveu um longo comentário sobre ele.

Um dia, sabendo que em Hunan havia um grande sábio que dizia coisas que ele não concordava, resolveu viajar até lá para provar, através de seu conhecimento, que o pretense sábio estava errado. Ele pegou seu comentário Qinglong sobre o Sutra do Diamante e partiu. No caminho, encontrou uma velha que vendia bolinhos de arroz. Cansado e com fome, falou à senhora:

"Gostaria de comprar alguns bolinhos, por favor."

"Que livros está carregando? ", perguntou a velha.

"É o meu comentário sobre o sentido verdadeiro do Sutra do Diamante," disse orgulhoso, "mas você não sabe nada sobre esses assuntos profundos."

Após um pequeno momento em silêncio, a velha lhe disse:

"Vou lhe fazer uma pergunta, e se puder me responder eu lhe darei os bolinhos de graça. Se não, terá que ir embora, pois não vou lhe vender os bolinhos."

Achando-se capaz de responder qualquer pergunta, quanto mais de uma pessoa sem os seus anos de conhecimentos nos termos filosóficos, disse:

"Muito bem, pergunte-me".

"Está escrito no Vajracchedika que a Mente do passado é inatingível, a Mente do futuro é inatingível e a Mente do presente é inatingível; diga-me então: com qual Mente você vai se alimentar?"

Estupefato, Hsüan-chien não soube o que dizer. A velha levantou-se e comentou:

"Sinto muito, mas acho que terá que se alimentar em outro lugar", e partiu.

Quando chegou no seu destino encontrou Longtan, o mestre do templo. Tinha chegado tarde, e ainda abalado com o encontro anterior, sentou-se silenciosamente em frente ao mestre, esperando que ele iniciasse o debate. O mestre, após muito tempo, disse:

"É muito tarde, e você está cansado. É melhor ir para seu quarto dormir."

"Muito bem," disse o intelectual, levantou-se e começou a sair para a escuridão do corredor.

O mestre veio de dentro do salão e comentou:

"Está muito escuro, tome, leve esta vela acesa," e lhe passou uma das velas acesas do altar.

Quando Hsüen-chien pegou a vela trazida pelo mestre, Longtan subitamente assoprou-a, apagando a luz e deixando ambos silenciosos em meio à escuridão. Neste momento Hsüan-chien atingiu o Satori.

No dia seguinte, levou todos seus livros e comentários para o pátio e os queimou.

35. Obra de Arte

Um mestre em caligrafia escreveu alguns ideogramas em uma folha de papel. Um dos seus mais especialmente sensíveis estudantes estava observando. Quando o artista terminou, ele perguntou a opinião do seu pupilo - que imediatamente lhe disse que não estava bom. O mestre tentou novamente, mas o estudante criticou também o novo trabalho. Várias vezes, o mestre cuidadosamente redesenhou os mesmos ideogramas, e a cada vez seu estudante rejeitava a obra.

Então, quando o estudante estava com sua atenção desviada por outra coisa e não estava olhando, o mestre aproveitou o momento e rapidamente apagou os caracteres que havia escrito no último trabalho, deixando a folha em branco.

"Veja! O que acha?," ele perguntou. O Estudante então virou-se e olhou atentamente. "ESTA... é verdadeiramente uma obra de arte!", exclamou.

(Uma lenda diz que este é o conto que descreve a criação de arte do mestre Kosen, que por sua vez foi usada para criar o entalhe em madeira das palavras "O Primeiro Princípio", que ornamentam o portão do Templo Obaku em Kyoto).

36. Buscando por Buddha

Um monge pôs-se a caminho de uma longa peregrinação para encontrar Buddha. Ele levou muitos anos em sua busca até alcançar a terra onde dizia-se que vivia Buddha. Ao cruzar o sagrado rio que cortava este país, o monge olhava em torno enquanto o barqueiro conduzia o bote. Ele percebeu algo flutuando em sua direção. Quando o objeto chegou mais perto, ele viu que era um cadáver - e que o morto era ele mesmo!

O monge perdeu todo o controle e deu um grito de dor à visão de si mesmo, rígido e sem vida, flutuando suavemente na corrente do grande rio.

Neste instante percebeu que ali estava começando sua busca pela liberação...

E então ele soube definitivamente que sua procura por Buddha havia terminado.

37. O Agora

Um guerreiro japonês foi capturado pelos seus inimigos e jogado na prisão. Naquela noite ele sentiu-se incapaz de dormir pois sabia que no dia seguinte ele iria ser interrogado, torturado e executado. Então as palavras de seu mestre Zen surgiram em sua mente:

"O "amanhã" não é real. É uma ilusão. A única realidade é "AGORA. O verdadeiro sofrimento é viver ignorando este Dharma".

Em meio ao seu terror subitamente compreendeu o sentido destas palavras, ficou em paz e dormiu tranqüilamente.

38. Nada santo

Certa vez Bodhidharma foi levado à presença do Imperador Wu, um devoto benfeitor budhista, que ansiava receber a aprovação de sua generosidade pelo sábio. Ele perguntou ao mestre:

"Nós construímos templos, copiamos os sutras sagrados, ordenamos monges e monjas. Qual o mérito, reverenciado Senhor, da nossa conduta?"

"Nenhum mérito, em absoluto", disse o sábio.

O Imperador, chocado e algo ofendido, pensou que tal resposta com certeza estava subvertendo todo o dogma budhista, e tornou a perguntar:

"Então qual é o Santo Dharma, o Primeiro Princípio?"

"Um vasto Vazio, sem nada santo dentro dele", afirmou Bodhidharma, para a surpresa do Imperador. Este ficou furioso, levantou-se e fez sua última pergunta:

"Quem és então, para ficares diante de mim como se fosse um sábio?"

"Eu não sei, Majestade", replicou o sábio, que assim tendo dito virou-se e foi embora.

39. Onde está sua mente?

Finalmente, após muitos sofrimentos, Shang Kwang foi aceito por Bodhidharma como seu discípulo. O jovem então perguntou ao mestre:

"Eu não tenho paz de espírito. Gostaria de pedir, Senhor, que pacificasse minha mente."

"Ponha sua mente aqui na minha frente e eu a pacificarei!" replicou Bodhidharma.

"Mas... é impossível que eu faça isso!" afirmou Shang Kwang.
"Então já pacifiquei a sua mente.", conclui o sábio.

40. A prática faz a perfeição

Um estudante de canto de ópera dramática treinou sob um rígido professor que insistia que ele recitasse dia após dia, mês após mês o mesmo trecho da mesma canção, sem jamais ser permitido ir adiante. Finalmente, oprimido pela frustração e desespero, o jovem fugiu em busca de outra profissão. Uma noite, parando em uma estalagem, ele encontrou por acaso o anúncio de uma competição de recitação. Não tendo nada a perder, ele entrou na competição e, é claro, cantou a única passagem que ele conhecia tão bem. Quando ele terminou, o patrocinador da competição congratulou-o efusivamente sua performance. A despeito das embaraçadas objeções do estudante, recusou-se a acreditar que havia escutado um cantor principiante.

"Diga-me," perguntou o patrocinador, "quem é seu instrutor? Ele deve ser um grande mestre!"

O estudante mais tarde tornou-se conhecido como o grande cantor japonês Koshiji.

41. O Paraíso

Duas pessoas estavam perdidas no deserto. Elas estavam morrendo de inanição e sede. Finalmente, eles avistaram um alto muro. Do outro lado eles podiam ouvir o som de quedas d'água e pássaros cantando. Acima eles podiam ver os galhos de uma árvore frutífera atravessando e pendendo sobre o muro. Seus frutos pareciam deliciosos.

Um dos homens subiu o muro e desapareceu no outro lado.

O outro, em vez disso, saciou sua fome com as frutas que sobressaíam da árvore ali mesmo, e retornou ao deserto para ajudar outros perdidos a encontrar o caminho para o oásis.

42. Gato Ritual - Complicando o que é simples

Quando um mestre espiritual e seus discípulos começavam sua meditação do anoitecer, o gato que vivia no Monastério fazia tanto barulho que os distraía. Então o professor ordenou que o gato fosse amordaçado durante a prática noturna. Anos depois, quando o mestre morreu, o gato continuou a ser amarrado durante a meditação. E quando o gato eventualmente morreu, outro gato foi trazido para o Monastério e amarrado. Séculos depois, quando todos os fatos do evento estavam perdidos no passado, praticantes intelectuais que

estudavam os ensinamentos daquele mestre espiritual escreveram longos tratados escolásticos sobre a significância de se amordaçar um gato durante a prática da meditação...

43. Natureza

Dois monges estavam lavando suas tigelas no rio quando perceberam um escorpião que estava se afogando. Um dos monges imediatamente pegou-o e o colocou na margem. No processo ele foi picado. Ele voltou para terminar de lavar sua tigela e novamente o escorpião caiu no rio. O monge salvou o escorpião e novamente foi picado. O outro monge então perguntou:

"Amigo, por que você continua a salvar o escorpião quando você sabe que sua natureza é agir com agressividade, picando-o?"

"Porque," replicou o monge, "agir com compaixão é a minha natureza."

(Outra versão deste conto descreve uma raposa que concorda em carregar um escorpião em suas costas através de um rio, sob a condição que o escorpião não o pique. Mas o escorpião ainda assim pica a raposa quando ambos estavam no meio da correnteza. Enquanto a raposa afundava, levando o escorpião consigo, ela lamentosamente perguntou ao escorpião por que tinha condenado a ambos à morte ao picá-la. "Porque é minha natureza."

A mesma estória é encontrada na tradição indígena americana. No Brasil a raposa é substituída por um sapo.)

44. Sem Mais Questões

Ao encontrar um mestre Zen em um evento social, um psiquiatra decidiu colocar-lhe uma questão que sempre esteve em sua mente:

"Exatamente como você ajuda as pessoas?" ele perguntou.

"Eu as alcanço naquele momento mais difícil, quando elas não tem mais nenhuma questão para perguntar," o mestre respondeu.

45. Não Morri Ainda

O Imperador perguntou ao Mestre Gudo:

"O que acontece com um homem iluminado após a morte?"

"Como eu poderia saber?", replicou Gudo.

"Porque o senhor é um mestre... não é?" respondeu o Imperador, um pouco surpreso.

"Sim Majestade," disse Gudo suavemente, "mas ainda não sou um mestre morto."

46. Samsara

O monge perguntou ao Mestre:

"Como posso sair do Samsara (a Roda de renascimentos e mortes)?"

O Mestre respondeu:

"Quem te colocou nele?"

47. Mente em Movimento

Dois homens estavam discutindo sobre uma flâmula que tremulava ao vento:

"É o vento que realmente está se movendo!" declarou o primeiro.

"Não, obviamente é a flâmula que se move!" contestou o segundo.

Um mestre Zen, que por acaso passava perto, ouviu a discussão e os interrompeu dizendo:

"Nem a flâmula nem o vento estão se movendo," disse, "É a MENTE que se move."

48. O Quebrador de Pedras

Era uma vez um simples quebrador de pedras que estava insatisfeito consigo mesmo e com sua posição na vida.

Um dia ele passou em frente a uma rica casa de um comerciante. Através do portal aberto, ele viu muitos objetos valiosos e luxuosos e importantes figuras que freqüentavam a mansão.

"Quão poderoso é este mercador!" pensou o quebrador de pedras. Ele ficou muito invejoso disso e desejou que ele pudesse ser como o comerciante.

Para sua grande surpresa ele repentinamente tornou-se o comerciante, usufruindo mais luxos e poder do que ele jamais tinha imaginado, embora fosse invejado e detestado por todos aqueles menos poderosos e ricos do que ele. Um dia um alto oficial do governo passou à sua frente na rua, carregado em uma liteira de seda, acompanhado por submissos atendentes e escoltado por soldados, que batiam gongos para afastar a plebe. Todos, não importa quão ricos, tinham que se curvar à sua passagem.

"Quão poderoso é este oficial!" ele pensou. "Gostaria de poder ser um alto oficial!"

Então ele tornou-se o alto oficial, carregado em sua liteira de seda para qualquer lugar que fosse, temido e odiado pelas pessoas à sua volta. Era um dia de verão quente, e o oficial

sentiu-se muito desconfortável na suada liteira de seda. Ele olhou para o Sol. Este fulgia orgulhoso no céu, indiferente pela sua reles presença abaixo.

"Quão poderoso é o Sol!" ele pensou. "Gostaria de ser o Sol!"

Então ele tornou-se o Sol. Brilhando ferozmente, lançando seus raios para a terra sobre tudo e todos, crestando os campos, amaldiçoado pelos fazendeiros e trabalhadores. Mas um dia uma gigantesca nuvem negra ficou entre ele e a terra, e seu calor não mais pôde alcançar o chão e tudo sobre ele.

"Quão poderosa é a nuvem de tempestade!" ele pensou "Gostaria de ser uma nuvem!"

Então ele tornou-se a nuvem, inundando com chuva campos e vilas, causando temor a todos. Mas repentinamente ele percebeu que estava sendo empurrado para longe com uma força descomunal, e soube que era o vento que fazia isso.

"Quão poderoso é o Vento!" ele pensou. "Gostaria de ser o vento!"

Então ele tornou-se o vento de furacão, soprando as telhas dos telhados das casas, desenraizando árvores, temido e odiado por todas as criaturas na terra. Mas em determinado momento ele encontrou algo que ele não foi capaz de mover nem um milímetro, não importasse o quanto ele soprasse em sua volta, lançando-lhe rajadas de ar. Ele viu que o objeto era uma grande e alta rocha.

"Quão poderosa é a rocha!" ele pensou. "Gostaria de ser uma rocha!"

Então ele tornou-se a rocha. Mais poderoso do que qualquer outra coisa na terra, eterno, inamovível. Mas enquanto ele estava lá, orgulhoso pela sua força, ele ouviu o som de um martelo batendo em um cinzel sobre uma dura superfície, e sentiu a si mesmo sendo despedaçado.

"O que poderia ser mais poderoso do que uma rocha?!?" pensou surpreso.

Ele olhou para baixo de si e viu a figura de um quebrador de pedras.

49. Talvez

Há um conto Taoísta sobre um velho fazendeiro que trabalhou em seu campo por muitos anos. Um dia seu cavalo fugiu. Ao saber da notícia, seus vizinhos vieram visitá-lo.

"Que má sorte!" eles disseram solidariamente.

"Talvez," o fazendeiro calmamente replicou. Na manhã seguinte o cavalo retornou, trazendo com ele três outros cavalos selvagens.

"Que maravilhoso!" os vizinhos exclamaram.

"Talvez," replicou o velho homem. No dia seguinte, seu filho tentou domar um dos cavalos, foi derrubado e quebrou a perna. Os vizinhos novamente vieram para oferecer sua simpatia pela má fortuna.

"Que pena," disseram.

"Talvez," respondeu o fazendeiro. No próximo dia, oficiais militares vieram à vila para convocar todos os jovens ao serviço obrigatório no exército, que iria entrar em guerra. Vendo

que o filho do velho homem estava com a perna quebrada, eles o dispensaram. Os vizinhos congratularam o fazendeiro pela forma com que as coisas tinham se virado a seu favor. O velho olhou-os, e com um leve sorriso disse suavemente: "Talvez."

50. Cipreste

Um monge perguntou ao mestre:

"Qual o significado de Dharma-Buddha?"

O mestre apontou e disse:

"O cipreste no jardim."

O monge ficou irritado, e disse:

"Não, não! Não use parábolas aludindo a coisas concretas! Quero uma explicação intelectual clara do termo!"

"Então eu não vou usar nada concreto, e serei intelectualmente claro," disse o mestre. O

monge esperou um pouco, e vendo que o mestre não iria continuar fez a mesma pergunta:

"Então? Qual o significado de Dharma-Buddha?"

O mestre apontou e disse:

"O cipreste no jardim."

51. Chá ou Paulada

Certa vez Hakuin contou uma estória:

Havia uma velha mulher que tinha uma casa de chá na vila. Ela era uma grande conhecedora da cerimônia do chá, e sua sabedoria no Zen era soberba. Muitos estudantes ficavam surpresos e ofendidos que uma simples velha pudesse conhecer o Zen, e iam à vila para testá-la e ver se isso era mesmo verdade.

Toda vez que a velha senhora via monges se aproximando, ela sabia se eles vinham apenas para experimentar o seu chá, ou para testá-la no Zen. Àqueles que vinham pelo chá ela servia gentil e graciosamente, encantando-os. Àqueles que vinham tentar saber de seu conhecimento do Zen, ela escondia-se até que o monge chegasse à porta e então lhe batia com um tição.

"Apenas um em cada dez conseguiam escapar da paulada..."

52. Os Poderes Sobrenaturais

Certa manhã, o Mestre Daie, ao levantar-se, chamou seu discípulo Gyozan e lhe disse: "Vamos fazer uma disputa para saber quem de nós dois possui mais poderes sobrenaturais?" Gyozan retirou-se sem nada responder. Dali a pouco, voltou trazendo uma bacia com água e uma toalha. O mestre lavou o rosto e enxugou-se em silêncio. Depois, Daie e Gyozan sentaram em ante uma mesinha e ficaram conversando sobre assunto diversos, tomando chá. Pouco depois, Kyogen, outro discípulo, aproximou-se e perguntou: "O que estão fazendo?" "Estamos fazendo uma competição com nossos poderes sobrenaturais", respondeu o Mestre, "Queres participar?" Kyogen retirou-se calado e logo depois retornou trazendo uma bandeja com doces e biscoitos. O Mestre Daie então dirigiu-se aos seus dois discípulos, e exclamou: "Na verdade, vós superais em poderes sobrenaturais Sariputra, Mogallana e todos os discípulos de Buddha!"

53. Pó

Chao-Chou (Joshu) certa vez varria o chão quando um monge lhe perguntou: "Sendo vós o sábio e santo Mestre, dizei-me como se acumula tanto pó em seu quintal?" Disse o Mestre, apontando para o pátio: "Ele vem lá de fora."

54. Jardim Zen - A Beleza Natural

Um monge jovem era o responsável pelo jardim zen de um famoso templo Zen. Ele tinha conseguido o trabalho porque amava as flores, arbustos e árvores. Próximo ao templo havia

um outro templo menor onde vivia apenas um velho mestre Zen. Um dia, quando o monge estava esperando a visita de importantes convidados, ele deu uma atenção extra ao cuidado do jardim. Ele tirou as ervas daninhas, podou os arbustos, cardou o musgo, e gastou muito tempo meticulosamente passando o ancinho e cuidadosamente tirando as folhas secas de outono. Enquanto ele trabalhava, o velho mestre observava com interesse de cima do muro que separava os templos.

Quando terminou, o monge afastou-se um pouco para admirar seu trabalho.

"Não está lindo?" ele perguntou, feliz, para o velho monge.

"Sim," replicou o ancião, "mas está faltando algo crucial. Me ajude a pular este muro e eu irei acertar as coisas para você."

Após certa hesitação, o monge levantou o velho por sobre o muro e pousou-o suavemente em seu lado. Vagarosamente, o mestre caminhou para a árvore mais próxima ao centro do jardim, segurou seu tronco e o sacudiu com força. Folhas desceram suavemente à brisa e caíram por sobre todo o jardim.

"Pronto!" disse o velho monge, "agora você pode me levar de volta."

55. Ponte de Pedra

Havia uma famosa ponte de pedra no Monastério de Chao-Chou (Joshu) que era uma atração do lugar. Certa vez um monge viajante afirmou:

"Já ouvi falar sobre a famosa ponte de pedra, mas até agora não a vi. Vejo somente uma tábua."

"Vedes uma tábua," confirmou Chao-chou, "e não vedes a ponte de madeira."

"Então onde está a ponte de pedra?" perguntou o monge.

"Acabastes de cruzá-la", disse prontamente Chao-Chou.

56. Apenas duas palavras

Havia um certo Monastério Soto Zen que era muito rígido. Seguindo um estrito voto de silêncio, a ninguém era permitido falar. Mas havia uma pequena exceção a esta regra: a cada 10 anos os monges tinham permissão de falar apenas duas palavras. Após passar seus primeiros dez anos no Monastério, um jovem monge foi permitido ir ao monge Superior.

"Passaram-se dez anos," disse o monge Superior. "Quais são as duas palavras que você gostaria de dizer?"

"Cama dura..." disse o jovem.

"Entendo..." replicou o monge Superior.

Dez anos depois, o monge retornou à sala do monge Superior.

"Passaram-se mais dez anos," disse o Superior. "Quais são as duas palavras que você gostaria de dizer?"

"Comida ruim..." disse o monge.

"Entendo..." replicou o Superior.

Mais dez anos se foram e o monge uma vez mais encontrou-se com o seu Superior, que perguntou:

"Quais são as duas palavras que você gostaria de dizer, após mais estes dez anos?"

"Eu desisto!" disse o monge.

"Bem, eu entendo o porquê," replicou, cáustico, o monge Superior. "Tudo o que você sempre fez foi reclamar!"

(Este é um conto comum em alguns locais Soto ocidentais. Não existe certeza se é um conto Zen original. Como muitas anedotas, esta aqui nos faz rir, mas também nos encoraja a refletir sobre o quê há de engraçado nisso tudo...)

57. Aranha

Um conto Tibetano fala de um estudante de meditação que, enquanto meditava em seu quarto, pensava ver uma assustadora aranha descendo à sua frente. A cada dia a criatura ameaçadora retornava cada vez maior em tamanho. Tão terrorificado estava o estudante que finalmente foi ao seu professor para relatar o seu dilema:

"Não posso continuar meditando com tal ameaça sobre mim," disse ele tremendo de pavor.

"Vou guardar uma faca em meu colo durante a meditação, de forma que quando a aranha aparecer eu possa matá-la!"

O professor advertiu-o contra esta idéia:

"Não faça isso. Faça como eu lhe digo: leve um pedaço de carvão na sua meditação, e quando a aranha aparecer, marque um 'X' em sua barriga. Depois disso venha até mim."

O estudante retornou à sua meditação. Quando a aranha novamente apareceu, ele lutou contra o impulso de atacá-la e em vez disso fez como o mestre sugeriu. Então correu para a sala de dele, gritando:

"Eu a marquei na barriga! Fiz o que me pediu! O que faço agora?"

O professor olhou-o e falou:

"Levante a túnica e olhe para sua própria barriga."

Ao fazer isso, o estudante viu o "X" que havia feito.

58. Meditação e Macacos

Um homem estava interessado em aprender meditação. Foi até um zendo (local de prática meditativa zen) e bateu na porta. Um velho professor o atendeu:

"Sim?"

"Bom dia meu senhor," começou o homem. "Eu gostaria de aprender a fazer meditação. Como eu sei que isso é difícil e muito técnico, eu procurei estudar ao máximo, lendo livros e opiniões sobre o que é meditação, suas posturas, etc... Estou aqui porque o senhor é considerado um grande professor de meditação. Gostaria que o senhor me ensinasse."

O velho ficou olhando o homem enquanto este falava. Quando terminou, o professor disse:

"Quer aprender meditação?"

"Claro! Quero muito?" exclamou o outro.

"Estudou muito sobre meditação?", disse um tanto irônico.

"Fiz o máximo que pude..." afirmou o homem.

"Certo," replicou o velho. "Então vá para casa e faça exatamente isso: NÃO PENSE EM MACACOS."

O homem ficou pasmo. Nunca tinha lido nada sobre isso nos livros de meditação. Ainda meio incerto, perguntou:

"Não pensar em macacos? É só isso?"

"É só isso."

"Bem isso é simples de fazer" pensou o homem, e concordou. O professor então apenas completou:

"Ótimo. Volte amanhã," e bateu a porta.

Duas horas depois, o professor ouviu alguém batendo freneticamente a porta do zendo. Ele abriu-a, e lá estava de novo o mesmo homem.

"Por favor me ajude!" exclamou aflito "Desde que o senhor pediu para que eu não pensasse em macacos, não consegui mais deixar de me preocupar em NÃO PENSAR NELES!!!! Vejo macacos em todos os cantos!!!!"

59. O Eu Verdadeiro

Um homem muito perturbado foi até um mestre Zen, apresentou-se e disse:

"Por favor, Mestre, eu me sinto desesperado! Não sei quem eu sou. Sempre li e ouvi falar sobre o Eu Superior, nossa verdadeira Essência Transcendental, e por muitos anos tentei atingir esta realidade profunda, sem nunca ter sucesso! Por favor mostre-me meu Eu Verdadeiro!"

Mas o professor apenas ficou olhando para longe, em silêncio, sem dar nenhuma resposta. O homem começou a implorar e pedir, sem que o mestre lhe desse nenhuma atenção.

Finalmente, banhado em lágrimas de frustração, o homem virou-se e começou a se afastar. Neste momento o mestre chamou-o pelo nome, em voz alta.
"Sim?" replicou o homem, enquanto se virava para fitar o sábio.
"Eis o seu verdadeiro Eu." disse o mestre.

60. Ansiando por Deus

Um sábio estava meditando à margem de um rio quando um homem jovem, um tanto entusiasmado, o interrompeu.

"Mestre, eu desejo ser seu discípulo!", disse o jovem.

"Por quê?" replicou o sábio.

O jovem era uma pessoa que sempre ouviu falar dos caminhos espirituais, e tinha uma idéia fantasiosa e romântica deles. Em sua imaturidade, ele achava que ser "espiritual" era algo como participar de um movimento, de uma crença, de uma moda, sem grandes conseqüências. Ele então pensou numa resposta bem "profunda" e disse:

"Porque eu quero encontrar DEUS!"

O sábio pulou de onde estava, agarrou o rapaz pelo cangote, arrastou-o até o rio e mergulhou sua cabeça sob a água. Manteve-o lá por quase um minuto, sem permitir que respirasse, enquanto o terrorificado rapaz chutava e lutava para se libertar. Finalmente o mestre o puxou da água e o arrastou de volta à margem. Largou-o no chão, enquanto o homem cuspiu água e engasgava, lutando para retomar a respiração e entender o que acontecera. Quando ele eventualmente se acalmou, o sábio lhe perguntou:

"Diga-me, quando estava sob a água, sabendo que morreria, o que você queria mais do que tudo?"

"Ar!", respondeu o jovem, amuado.

"Muito bem", disse o mestre. "Vá para sua casa, e quando você souber ansiar por um Deus tanto quanto você acabou de ansiar por ar, pode voltar a me procurar."

61. Por que palavras?

Um monge aproximou-se de seu mestre - que se encontrava em meditação no pátio do Templo à luz da lua - com uma grande dúvida:

"Mestre, aprendi que confiar nas palavras é ilusório; e diante das palavras, o verdadeiro sentido surge através do silêncio. Mas vejo que os Sutras e as recitações são feitas de palavras; que o ensinamento é transmitido pela voz. Se o Dharma está além dos termos, porque os termos são usados para defini-lo?"

O velho sábio respondeu: "As palavras são como um dedo apontando para a Lua; cuida de saber olhar para a Lua, não se preocupe com o dedo que a aponta."

O monge replicou: "Mas eu não poderia olhar a Lua, sem precisar que algum dedo alheio a indique?"

"Poderia," confirmou o mestre, "e assim tu o farás, pois ninguém mais pode olhar a lua por ti. As palavras são como bolhas de sabão: frágeis e inconsistentes, desaparecem quando em contato prolongado com o ar. A Lua está e sempre esteve à vista. O Dharma é eterno e completamente revelado. As palavras não podem revelar o que já está revelado desde o Primeiro Princípio."

"Então," o monge perguntou, "por que os homens precisam que lhes seja revelado o que já é de seu conhecimento?"

"Porque," completou o sábio, "da mesma forma que ver a Lua todas as noites faz com que os homens se esqueçam dela pelo simples costume de aceitar sua existência como fato consumado, assim também os homens não confiam na Verdade já revelada pelo simples fato dela se manifestar em todas as coisas, sem distinção. Desta forma, as palavras são um subterfúgio, um adorno para embelezar e atrair nossa atenção. E como qualquer adorno, pode ser valorizado mais do que é necessário."

O mestre ficou em silêncio durante muito tempo. Então, de súbito, simplesmente apontou para a lua.

62. O Som do Silêncio

Certa vez, um budhista foi às montanhas procurar um grande mestre, que segundo acreditava poderia lhe dizer a palavra definitiva sobre o sentido da Sabedoria. Após muitos dias de dura caminhada o encontrou em um belo templo à beira de um lindo vale.

"Mestre, vim até aqui para lhe pedir uma palavra sobre o sentido do Dharma. Por favor, faça-me atravessar os Portões do Zen."

"Diga-me," replicou o sábio, "vindo para cá vós passastes pelo vale?"

"Sim."

"Por acaso ouvistes o seu som?"

Um tanto incerto, o homem disse:

"Bem, ouvi o som do vento como um suave canto penetrando todo o vale."

O sábio respondeu:

"O local onde vós ouvistes o som do vale é onde começa o caminho que leva aos Portões do Zen. E este som é toda palavra que vós precisais ouvir sobre a Verdade."

63. O Mudo e o Papagaio

Um jovem monge foi até o mestre Ji-shou e perguntou:

"Como chamamos uma pessoa que entende uma verdade mas não pode explicá-la em palavras?"

Disse o mestre:

"Uma pessoa muda comendo mel".

"E como chamamos uma pessoa que não entende a verdade, mas fala muito sobre ela?"

"Um papagaio imitando as palavras de uma outra pessoa".

64. Autocontrole

Um dia aconteceu um tremendo terremoto que sacudiu inteiramente um templo Zen. Partes dele chegaram mesmo a ruir. Muitos dos monges ficaram terrificados. Quando o terremoto parou o professor do templo disse, vaidosa e arrogantemente:

"Agora vocês tiveram a oportunidade de ver como um verdadeiro sábio Zen se comporta diante de uma situação de crise. Vocês devem ter notado que EU não entrei em pânico. EU estive sempre muito consciente do que estava acontecendo e do que fazer. EU guiei vocês todos para a cozinha, a parte mais firme do templo. E esta foi uma brilhante decisão, pois como vocês vêem todos sobrevivemos sem nenhum arranhão! Contudo, a despeito de meu grande autocontrole e compostura exemplar, admito ter sentido um pouco - muito pouco - de tensão. Fato que vocês devem ter deduzido quando me viram beber um grande copo de água, algo que eu jamais faço em circunstâncias normais..."

Neste momento alguns monges sorriram, mas não disseram nada.

"De quê estão rindo?" perguntou o professor.

"Aquilo não era água," disse um dos monges, "era um grande copo de molho apimentado..."

65. O Silêncio Completo

Quatro monges decidiram meditar em silêncio completo, sem falar por duas semanas. Na noite do primeiro dia a vela começou a falhar e então apagou.

O primeiro monge disse, "Oh, não! A vela apagou!"

O segundo comentou, "Não tínhamos que ficar em silêncio completo?"

O terceiro reclamou, "Por que vocês dois quebraram o silêncio?"

Finalmente o quarto afirmou, todo orgulhoso, "Aha! Eu sou o único que não falou!"

66. Sem Problema

Um praticante Zen foi à Bankei e fez-lhe esta pergunta, aflito:

"Mestre, Eu tenho um temperamento irascível. Sou às vezes muito agitado e agressivo e acabo criando discussões e ofendendo outras pessoas. Como posso curar isso?"

"Tu possuis algo muito estranho," replicou Bankei. "Deixe ver como é esse comportamento."

"Bem... eu não posso mostrá-lo exatamente agora, mestre," disse o outro, um pouco confuso.

"E quando tu a mostrarás para mim?" perguntou Bankei.

"Não sei... é que isso sempre surge de forma inesperada," replicou o estudante.

"Então," concluiu Bankei, "essa coisa não faz parte de tua natureza verdadeira. Se assim fosse, tu poderias mostrá-la sempre que desejasse. Quando tu nasceste não a tinhas, e teus pais não a passaram para ti. Portanto, saibas que ele não existe."

67. Impermanência

Um famoso mestre espiritual aproximou-se do Portal principal do palácio do Rei. Nenhum dos guardas tentou pará-lo, constrangidos, enquanto ele entrou e dirigiu-se aonde o Rei em pessoa estava solenemente sentado, em seu trono.

"O que vós desejais?" perguntou o Monarca, imediatamente reconhecendo o visitante.

"Eu gostaria de um lugar para dormir aqui nesta hospedaria," replicou o professor.

"Mas aqui não é uma hospedaria, bom homem," disse o Rei, divertido, "Este é o meu palácio."

"Posso lhe perguntar a quem pertenceu este palácio antes de vós?" perguntou o mestre.

"Meu pai. Ele está morto."

"E a quem pertenceu antes dele?"

"Meu avô," disse o Rei já bastante intrigado, "Mas ele também está morto."

"Sendo este um lugar onde pessoas vivem por um curto espaço de tempo e então partem - vós me dizeis que tal lugar NÃO É uma hospedaria?"

68. Buddha - Além da Palavras

Certa vez estava Buddha sentado sob uma árvore, com os seus discípulos reunidos à sua volta esperando que ele iniciasse seu discurso. Em determinado momento, Buddha calmamente inclinou-se e colheu uma flor. Levantou-a à altura de seu rosto e girou-a suavemente. Seus discípulos ficaram espantados e confusos, e murmuraram entre si questionando o sentido daquilo. Dentre eles, apenas Kashyapa entendeu o gesto, sorrindo. Shakyamuni Buddha percebeu que Kashyapa tinha compreendido, e lhe disse:

"O método de Meditação que ensino é ver as coisas como elas são, nada rejeitar e tratar as coisas com alegria, vendo claramente sua face original. Esse Dharma misterioso transcende a linguagem e os princípios racionais. O pensamento lógico não pode ser usado para obter a Compreensão; apenas com a sensibilidade da não-mente alcança-se a Verdade. Vós compreendestes. Por isso, concedo-lhe a partir deste momento o espírito do Dhyana."

69. Uma vida inútil?

Um bondoso fazendeiro tornou-se velho demais para poder trabalhar nos campos. Assim ele passava seus dias apenas sentado na varanda, feliz em observar a natureza. Seu filho era uma pessoa insensível e ambiciosa que não gostava de dar duro. Mas, ainda trabalhando na fazenda, podia observar seu pai de vez em quando ao longe.

"Ele é inútil," o filho falou para si mesmo, agastado, "ele não faz nada!"

Um dia o filho ficou tão frustrado por ver seu pai numa vida que ele considerava absurda, que construiu um caixão de madeira, arrastou-o até a varanda e disse insensivelmente para o seu pai entrar nele. Sem dizer uma palavra, o pai deitou-se no caixão. Após fechar a tampa, o filho arrastou o caixão até as fronteiras da fazenda onde existia um grande abismo. Quando ele se aproximou da beira, ouviu uma suave batida na tampa, de dentro do caixão. Ele abriu-o. Ainda deitado lá pacificamente, o pai olhou para seu filho.

"Sei que você vai lançar-me no abismo, mas antes de fazer isso posso lhe sugerir uma coisa?"

"O que é?" disse o filho, confuso e algo constrangido por ver seu pai tão calmo.

"Lance-me ao abismo, se quiser," disse o pai, "mas salve este bom caixão de madeira. Seus filhos podem querer usá-lo um dia com você..."

70. Quando cansado...

Um estudante perguntou a Joshu, "Mestre, o que o Satori?"

O mestre replicou: "Quando estiver com fome, coma. Quando estiver cansado, durma."

71. Duelo de Chá

Um mestre da cerimônia do chá no antigo Japão certa vez acidentalmente ofendeu um soldado, ao distraidamente desdenhá-lo quando ele pediu sua atenção. Ele rapidamente pediu desculpas, mas o altamente impetuoso soldado exigiu que a questão fosse resolvida em um duelo de espadas. O mestre de chá, que não tinha absolutamente nenhuma experiência com espadas, pediu o conselho de um velho amigo mestre Zen que possuía tal habilidade.

Enquanto era servido de um chá pelo amigo, o espadachim Zen não pôde evitar notar como o mestre de chá executava sua arte com perfeita concentração e tranqüilidade.

"Amanhã," disse o mestre Zen, "quando você duelar com o soldado, segure sua arma sobre sua cabeça como se estivesse pronto para desferir um golpe, e encare-o com a mesma concentração e tranqüilidade com que você executa a cerimônia do chá".

No dia seguinte, na exata hora e local escolhidos para o duelo, o mestre de chá seguiu seu conselho. O soldado, também já pronto para atacar, olhou por muito tempo em silêncio para a face totalmente atenta porém suavemente calma do mestre de chá. Finalmente, o soldado lentamente abaixou sua espada, desculpou-se por sua arrogância, e partiu sem ter dado um único golpe.

72. Surpreendendo o Mestre

Os estudantes em um mosteiro ficavam espantadíssimos com o monge mais velho, não porque ele fosse rígido, mas porque nada parecia irritá-lo ou perturbá-lo. Na verdade, eles o consideravam alguém sobrenatural e até mesmo um tanto assustador. Um dia eles decidiram fazer um teste com o mestre. Um grupo deles escondeu-se silenciosamente em um canto escuro de uma das passagens do templo, e esperaram o momento em que o velho monge iria passar por ali. Num momento o velho homem apareceu, carregando um copo de chá quente. Exatamente quando ele passava, todos os estudantes pularam na sua frente, gritando o mais alto que podiam:

"AAAAAHHHHH!"

Mas o monge não demonstrou absolutamente nenhuma reação, deixando todos pasmos de espanto. Pacificamente fez seu caminho até uma pequena mesa no canto mais afastado do templo, gentilmente pousou o copo, e então, encostando no muro, deu um grito de choque: "OOHHHHH!"

73. Trabalhando Duro

Um estudante foi ao seu professor e disse fervorosamente, "Eu estou ansioso para entender seus ensinamentos e atingir a Iluminação! Quanto tempo vai demorar para eu obter este prêmio e dominar este conhecimento?"

A resposta do professor foi casual,

"Uns dez anos..."

Impacientemente, o estudante completou,

"Mas eu quero entender todos os segredos mais rápido do que isto! Vou trabalhar duro! Vou praticar todo o dia, estudar e decorar todos os sutras, farei isso dez ou mais horas por dia!!

Neste caso, em quanto tempo chegarei ao objetivo?"

O professor pensou um pouco e disse suavemente,

"Vinte anos."

74. A História do Homem

Conta-se que na Pérsia antiga vivia um rei chamado Zemir. Coroado muito jovem, julgou-se na obrigação de instruir-se: reuniu em torno de si numerosos eruditos provenientes de todos os Países e pediu-lhes que editassem para ele a história da humanidade. Todos os eruditos se concentraram, portanto, nesse estudo.

Vinte anos se escoaram no preparo da edição. Finalmente, dirigiram-se a palácio, carregados de quinhentos volumes acomodados no dorso de doze camelos.

O rei Zemir havia, então, passado dos quarenta anos.

"Já estou velho," disse ele. "Não terei tempo de ler tudo isso antes da minha morte. Nessas condições, por favor, preparai-me uma edição resumida."

Por mais vinte anos trabalharam os eruditos na feitura dos livros e voltaram ao palácio com três camelos apenas.

Mas o rei envelhecera muito. Com quase sessenta anos, sentia-se enfraquecido:

"Não me é possível ler todos esses livros. Por favor, fazei-me deles uma versão ainda mais sucinta."

Os eruditos labutaram mais dez anos e depois voltaram com um elefante carregado das suas obras.

Mas a essa altura, com mais de setenta anos, quase cego, o rei não podia mesmo ler. Pediu, então, uma edição ainda mais abreviada. Os eruditos também tinham envelhecido.

Concentraram-se por mais cinco anos e, momentos antes da morte do monarca, voltaram com um volume só.

"Morrerei, portanto, sem nado conhecer da história do Homem - disse ele."

À sua cabeceira, o mais idoso dos eruditos respondeu:

"Vou explicar-vos em três palavras a história do Homem: o homem nasce, sofre e, finalmente, morre."

Nesse instante o rei expirou.

75. Kantaka e o fio de Aranha

Assim eu ouvi:

O Buddha, um dia, passeava no Céu Trayastrimsa, as margens do lago da Flor de Lótus. Nas profundezas do lago, lobrigava o Naraka (um tipo de região de demérito Kármico, na tradição do Buddhismo Mahayana). Nessa ocasião, viu ali um homem chamado Kantaka que morto dias antes, se debatia e padecia nas profundezas. Transbordando de compaixão, o Buddha Shakyamuni queria socorrer todos os que, embora se achassem mergulhados no Naraka, tivessem praticado uma boa ação na vida.

Kantaka fora ladrão e levava uma existência devassa. Por isso mesmo estava no Naraka. Certa vez, no entanto, agira com generosidade: um dia, enquanto passeavam, avistara uma inofensiva aranha e tivera vontade de esmagá-la; reprimira-se, contudo, pensando, subitamente, que talvez pudesse favorecê-la; deixara-a com vida e seguiu o seu caminho. O Buddha Shakyamuni viu nessa ação generosa um bom espírito, e sentiu-se inclinado a ajudá-lo. Por isso fez descer as profundezas do lago um comprido fio de teia de aranha, que chegou ao Naraka no lugar onde estava Kantaka.

Kantaka olhou para a novidade e concluiu que se tratava de uma corda de prata muito forte. Mas, não querendo acreditar nisso, disse consigo que devia ser, sem dúvida, um fio de teia de aranha pendurado, muito fino, e que seria provavelmente difícilimo trepar por ele; mesmo assim, arriscaria tudo, pois desejava ardentemente sair daquele Naraka.

Agarrou, portanto o fio, embora não deixasse de pensar nos perigos da escalada, pois a linha poderia rebentar de um momento para outro; mas foi subindo... subindo... auxiliando-se com os pés e as mãos, e envidando grandes esforços para não escorregar.

A escalada era longa. Chegado a metade do caminho, quis olhar para baixo e contemplar os Narakas, que já tinham ficado, decerto, muito longe. Acima dele, via a luz e só ambicionava alcançá-la.

Inclinando-se para baixo, a fim de olhar pela derradeira vez, viu uma multidão de pessoas que também subiam pelo fio, numa sucessão ininterrupta, desde as grandes profundezas do Naraka. Kantaka foi tomado de pânico: a corda poderia, quando muito, agüentá-lo; mas com o peso daquelas centenas de pessoas agarradas a ela acabaria cedendo, e todos, com ele, voltariam ao Naraka!

Que azar! Que droga! Aquela gente lá embaixo não tinha nada que sair do Naraka. Por que precisa seguir-me? - praguejava ele, increpando os seguidores.

Nesse preciso momento, o fio cedeu, exatamente a altura das mãos de Kantaka, e todos remergulharam nas profundezas tenebrosas do lago.

Naquele mesmo instante, o sol do meio-dia resplandecia sobre o lago em cujas margens tranqüilas passeava o Buddha...

76. Baso e a Meditação

Quando jovem, Baso praticava incessantemente a Meditação. Certa ocasião, seu Mestre Nangaku aproximou-se dele e perguntou-lhe:

- Por que praticas tanta Meditação?
- Para me tornar um Buddha.

O Mestre tomou de uma telha e começou a esfregá-la com um pedra. Intrigado, Baso perguntou:

- O que fazes com essa telha?

- Pretendo transformá-la num espelho.
 - Mas por mais que a esfregueis, ela jamais se transformará num espelho! será sempre uma pedra.
 - O mesmo posso dizer de ti. Por mais que pratiques Meditação, não te tornarás Buda.
 - Então o que fazer?
 - É como fazer um boi andar.
 - Não entendo.
 - Quando queres fazer um carro de bois andar, bates no boi ou no carro?
- Baso não soube o que responder e então o Mestre continuou:
- Buscar o Estado de Buda fazendo apenas Meditação é matar o Buda. Dessa maneira, não acharás o caminho certo.

77. A Bola e o Zen

Certa vez, enquanto o velho mestre Seppo Gisen jogava bola, Gessha aproximou-se e perguntou:

"Por que é que a bola rola?"

Seppo respondeu:

"A bola é livre. É a verdadeira liberdade."

"Por quê?"

"Porque é redonda. Rola em toda parte, seja qual for a direção, livremente. Inconsciente, natural, automaticamente."

78. Tigelas

Certa vez um estudante perguntou ao mestre Joshu:

- Mestre, por favor, o que é o Satori?

Joshu respondeu-lhe:

- Terminaste a refeição?

- É claro, mestre, terminei.

- Então, vai lavar tuas tigelas!

79. Kito

Um dia, Um velho foi visitar mestre Ryokan e disse-lhe:

- Eu quisera pedir-vos que fizésseis um kito [Cerimonia para cumprimento de uma promessa] em minha intenção. Assisti à morte de muita gente ao meu redor. E também deverei morrer um dia. Portanto, por favor, fazei um kito para eu viver por muito tempo.

- De acordo. Fazer um kito para viver muito tempo não é difícil. Quantos anos tendes?

- Apenas oitenta.

- Ainda sois jovem. Diz um provérbio japonês que até os cinquenta anos somos como crianças e que, entre os setenta e os oitenta, precisamos amar.

- Concordo, fazei-me então um bom kito!

- Até que idade quereis viver?
- Para mim, acho que basta-me viver até os cem.
- Vosso desejo, na verdade, não é muito grande. Para chegar aos cem anos, só vos resta viver mais vinte. Não é um período tão longo assim. E sendo o meu kito muito exato, morrereis exatamente aos cem anos.

O velho ficou com medo:

- Não, não! Fazei que eu viva cento e cinquenta anos!
- Atualmente, tendo atingido os oitenta, já viveste mais da metade do prazo que desejais. A escalada de uma montanha exige grande soma de esforços e tempo, mas a descida é rápida. A partir de agora, vossos derradeiros setenta anos passarão como um sonho.
- Nesse caso, dai-me até trezentos anos!

Ryokan respondeu:

- Como o vosso desejo é pequeno! Somente trezentos anos! Diz um provérbio antigo que os grous vivem mais de mil anos e as tartarugas dez mil. Se animais podem viver tanto assim, como é que vós, um homem, desejais viver apenas trezentos anos!
- Tudo isso é muito difícil...- tornou o velho, confuso. - Para quantos anos de vida podeis fazer-me um kito?
- Quer dizer, então, que não quereis morrer! Eis aí uma atitude de todo em todo egoísta... - replicou o mestre.
- Bem, tem razão....- respondeu o ancião, constrangido.
- Assim sendo, o melhor é fazer um kito para não morrer.
- Sim, é claro! E pode ser? Esse é o kito que eu quero! - o velho animou-se bastante.
- É muito caro, muito, muito caro, e leva muito tempo...
- Não faz mal. - concordou o velho.

Ajuntou, então, Ryokan:

- Começaremos hoje cantando apenas o Makka Hannya Shingyo; a seguir, todos os dias, vireis fazer zazen no templo. Pronunciarei, então, conferências em vossa intenção.

Dessa maneira, de uma forma suave e indireta, Ryokan fez o velho homem deixar de se preocupar com o dia de sua morte e o conduziu ao Dharma.

80. Essência

Na China, havia um monge Zen, chamado mestre Dori, que, por fazer zazen empoleirado num pinheiro pára-sol, fora alcunhado de mestre Ninho de Passarinho Um poeta muito célebre, Sakuraten, foi visitá-lo e, ao vê-lo fazer zazen, disse-lhe:

"Tomai cuidado, que isso é perigoso; podereis, um dia, cair do pinheiro!"

"De maneira nenhuma," respondeu mestre Dori. "Vós é que correis perigo de um dia cair." Sakuraten refletiu. "Com efeito, vivo dominado por paixão, é como brincar com o raio". E perguntou ao mestre Zen:

"Qual é a verdadeira essência do budismo?"

Mestre Dori respondeu:

"Não façais nada violento, praticai somente o aquilo que é justo e equilibrado."

"Mas até uma criança de três anos sabe disso!" exclamou o poeta.

"Sim, mas é uma coisa difícil de ser praticada até mesmo por um velho de oitenta anos..." completou o mestre.

81. Perguntas do Rei Milinda

Durante uma conversa, o rei Milinda perguntou ao Bodhisattva Nagasena:

- Que é o Samsara?

Nagasena respondeu:

- Ó grande rei, aqui nascemos e morremos, lá nascemos e morremos, depois nascemos de novo e de novo morremos, nascemos, morremos... Ó grande rei, isso é Samsara.

Disse o rei:

- Não compreendo; por favor, explicai-me com mais clareza.

Nagasena replicou:

- É como o caroço de manga que plantamos para comer-lhe o fruto. Quando a grande árvore cresce e dá frutos, as pessoas os comem para, em seguida, plantar os caroços. E dos caroços nasce uma grande mangueira, que dá frutos. Desse modo, a mangueira não tem fim. E assim, grande rei, que nascemos aqui, morremos ali, nascemos, morremos, nascemos, morremos. Grande rei, isso é Samsara.

Em outro Sutra, o rei Milinda pergunta ainda:

- Que é o que renasce no mundo seguinte (Depois da morte.)

Responde Nagasena:

- Depois da morte nascem o nome, o espírito e o corpo.

O rei pergunta:

- É o mesmo nome, o mesmo espírito e o mesmo corpo que nascem depois da morte?

- Não é o mesmo nome, o mesmo espírito e o mesmo corpo que nascem depois da morte.

Esse nome, esse espírito e esse corpo criam a ação. Pela ação, ou Karma, nascem outro nome, outro espírito e outro corpo.

82. Bonecos

Eis aqui a história do monge Zen Hotan.

Hotan ouvia as preleções de um mestre. Na estréia das palestras, a assistência foi numerosa mas, a pouco e pouco, nos dias seguinte, a sala se esvaziou; até que, um dia, Hotan ficou só na sala com o mestre. E este lhe disse:

- Não posso fazer uma conferência só para ti; de mais a mais, estou cansado.

Hotan prometeu voltar no outro dia com muita gente. Nesse dia Porém, voltou só. Não obstante, disse ao mestre:

- Podeis fazer a conferência hoje, porque eu trouxe numerosa companhia!

Hotan trouxeram bonequinhas, que espalhara pela sala. Disse-lhe o mestre:

- Mas são apenas bonecas!

- Com efeito, - respondeu-lhe Hotan. - mas todas as pessoas que aqui vieram não são mais do que bonecas, pois não compreendem patavina dos vossos ensinamentos. Só eu lhes compreendi a profundidade e a verdade. Mesmo que muita gente tivesse vindo, serviria tão-somente de enchimento, decoração, vazio sem fundo.

83. Vem...

Mestre Tokusan (742-865) estava sentado em zazen à beira do rio. Avizinhando-se da margem, um discípulo gritou-lhe:

- Bom dia, mestre! Como estais?

Tokusan interrompeu o zazen e, com o leque, fez sinal ao discípulo:

Vem . . . vem . . . !

Levantou-se, deu meia-volta e pôs-se a ladear o rio, seguindo o curso da água...

O discípulo, nesse instante, experimentou o Satori.

84. O Médico e o Zen

Kenso Kusuda, diretor de um hospital em Nihonbashi, Tóquio, recebeu um dia a visita de um velho amigo, também médico, que não via há sete anos.

"Como vai?", perguntou Kusuda.

"Deixei a medicina", respondeu o amigo.

"Ah, sim?"

"Na verdade, agora eu pratico o Zen."

"E o que é o Zen?"-- quis saber Kusuda.

"É difícil explicar..." -- hesitou o amigo.

"E como é possível entendê-lo, então?"

"Bem, deve-se praticá-lo."

"E como faço isso?"

"Em Koishikawa, há uma sala de meditação dirigida pelo Mestre Nan-In. Se quiser experimentar, vá até lá."

No dia seguinte Kusuda dirigiu-se à sala de meditação do Mestre Nan-In. Ao chegar, gritou:

"Com licença!"

"Quem é?" responderam lá de dentro. Um velho de aspecto miserável, que se aquecia junto a um fogareiro próximo ao vestíbulo, dirigiu-se a ele. Kusuda entregou-lhe seu cartão e o velho, após dar uma olhada, disse sorrindo:

"Olá!!! Faz tempo que o senhor não aparece!"

"Mas... é a primeira vez que venho aqui!" - disse Kusuda, surpreso.

"Ah, sim? É a primeira vez? Como está escrito 'Diretor de hospita1', pensei que fosse o Sasaki. O que o senhor deseja?"

"Quero falar com o Mestre Nan-in."

"Já está falando com ele!" disse o velho, abrindo um largo sorriso.

"Então o Mestre Nan-in é o senhor?", disse Kusuda meio desconfiado. Esperava alguém mais "venerável".

"Eu mesmo", respondeu o velho, sem dar mostras de resolver a mandar seu visitante entrar. Já meio desanimado e um tanto desdenhoso, Kusuda decidiu falar ali mesmo, de pé, no vestibulo:

"Eu gostaria que o senhor me ensinasse a praticar o Zen."

O velho olhou para ele e disse:

"Praticar o Zen? O senhor é um médico não? Deve então tratar bem de seus doentes e se esforçar para o bem de sua família, o Zen é isso. Agora, pode ir embora."

Kusuda voltou para casa, sem entender nada. Intrigado com as palavras de Nan-In, três dias depois resolveu visitar novamente o velho Mestre. Nan-In atendeu-o novamente no Vestíbulo.

"Novamente o senhor aqui? O que deseja?"

"Insisto para que o senhor me ensine a praticar o Zen!" - disse Kusuda petulantemente.

"Ora, nada tenho a acrescentar ao que já disse outro dia. Vá embora e seja um bom médico". E fechou a porta.

Dois ou três dias depois, Kusuda novamente voltou a ver o Mestre, pois absolutamente não conseguira entender suas palavras.

"Outra vez aqui?"

"Eu vim porque não consegui entender suas palavras, por mais que pensasse sobre elas."

"Pensando nas palavras é que o senhor não vai entender coisa nenhuma mesmo!" - disse o velho monge.

"Então o que eu devo fazer?" - disse Kusuda, já quase desesperado.

"Procure perceber por si, ora essa! Agora, vá embora."

Mas Kusuda desta vez zangou-se muito e respondeu:

"Por três vezes, embora tenha muitos afazeres, larguei tudo e vim até aqui pedir-lhe para me ensinar o Zen e sempre o senhor me manda embora sem me dar o mínimo esclarecimento! Que espécie de mestre é o senhor, afinal!?"

"Ah! Finalmente ele zangou-se!", exclamou o Mestre.

"Mas é EVIDENTE!", desabafou o médico.

"Então agora chega de palavreado e seja educado! Faça-me uma saudação."

Encarando fixamente o velho monge, Kusuda reprimiu sua vontade de dar-lhe um soco na cara e inclinou-se em reverência. O Mestre então conduziu-o à sala de meditação e o ensinou a praticar zazen.

Anos depois, Kusuda finalmente entendeu porque o Zen também é cuidar bem dos doentes e esforçar-se para o bem de sua família.

85. Joshu e o Grande Caminho

Certa vez, um homem encontrou Joshu, que estava atarefado em limpar o pátio do mosteiro. Feliz com a oportunidade de falar com um grande Mestre, o homem, imaginando conseguir de Joshu respostas para a questão metafísica que lhe estava atormentando, lhe perguntou:

"Oh, Mestre! Diga-me: onde está o Caminho?"

Joshu, sem parar de varrer, respondeu solícito:

"O caminho passa ali fora, depois da cerca."

"Mas," replicou o homem meio confuso, "eu não me refiro a esse caminho."
Parando seu trabalho, o Mestre olhou-o e disse:
"Então de que caminho se trata?"
O outro disse, em tom místico:
"Falo, mestre, do Grande Caminho!"
"Ahhh, esse!" sorriu Joshu. "O grande caminho segue por ali até a Capital."
E continuou a sua tarefa.

86. Apenas uma estátua

Certa vez Tan-hsia, monge da dinastia Tang, fez uma parada em Yerinji, na Capital, cansado e com muito frio. Como era impossível conseguir abrigo e fogo, e como era evidente que não sobreviveria à noite, retirou em um antigo templo uma das imagens de madeira entronizadas de Buddha, rachou-a e preparou com ela uma fogueira, assim aquecendo-se. O monge guardião de um templo mais novo próximo, ao chegar ao local de manhã e ver o que tinha acontecido, ficou estarrecido e exclamou:

"Como ousais queimar a sagrada imagem de Buddha?!?"

Tan-hsia olhou-o e depois começou a mexer nas cinzas, como se procurasse por algo, dizendo:

"Estou recolhendo as Sariras (*) de Buddha..."

"Mas," disse o guardião confuso "este é um pedaço de madeira! Como podes encontrar Sariras em um objeto de madeira?"

"Nesse caso," retorquiu o outro "sendo apenas uma estátua de madeira, posso queimar as duas outras imagens restantes?"

(*) Sariras - tais objetos são depósitos minerais - como pequenas pedras - que sobram de alguns corpos cremados, e que segundo a tradição foram encontrados após a cremação do corpo de Gautama Buddha, sendo considerados objetos sagrados.

Koan: Em que parte de um objeto fica o reverenciado Sagrado?

87. O Monge Indiferente

Uma velha construiu uma cabana para um monge e o alimentou por vinte anos, como forma de adquirir méritos. Certo dia, como forma de experimentar a sabedoria adquirida pelo monge, a velha pediu à jovem mulher que levava ao monge o alimento todos os dias (já que a velha senhora não podia mais fazer o caminho com frequência) o abraçasse. Ao chegar à cabana, a menina encontrou o monge em zazen. Ela abraçou-o e perguntou-lhe se gostava dela. O monge, frio e indiferente, disse de forma dura:

"É como se uma árvore seca estivesse abraçada a uma fria rocha. Está tão frio como o mais rigoroso inverno, não sinto nenhum calor."

A jovem retornou, e disse o que o monge fez. A velha, irritadíssima, foi até lá, expulsou o monge e queimou a cabana. Enquanto ele se afastava, ela gritou:

"E eu, que passei vinte anos sustentando um idiota!"

88. Baso e o Nariz

Certo dia Baso passeava em companhia de seu jovem discípulo Hyakujô. A certa altura do passeio, viram uma revoada de patos selvagens. Baso perguntou então a Hyakujô:

"Que é aquilo, Hyakujô?"

"São patos selvagens, Mestre" - disse o jovem.

"E para onde vão?"

"Vão-se embora, voando..." - replicou Hyakujô, fitando o céu, pensativo.

Então Baso agarrou o nariz de seu discípulo com toda a força, dando um forte puxão. Hyakujô gritou:

"Aaaai!"

Baso exclamou: "NÃO FORAM EMBORA COISA NENHUMA!"

Ao ouvir isso, Hyakujô obteve o Satori.

89. O tesouro em casa

Um dia, um jovem chamado Yang Fu deixou sua família e lar para ir a Sze-Chuan visitar o Bodhisattva Wu-Ji. Ele sonhou que junto àquele mestre poderia encontrar um grande tesouro de sabedoria. Quando já se encontrava às portas da cidade, após uma longa viagem cheia de aventuras, encontrou um velho senhor. Este lhe perguntou:

"Onde vais, jovem?"

"Vou estudar com Wu-Ji, o Bodhisattva." - respondeu o rapaz.

"Em vez de buscar um Bodhisattva, é mais maravilhoso encontrar Buddha."

Excitado com a perspectiva de encontrar o Grande Mestre, disse Yang Fu:

"Oh! Sabes onde encontrá-lo?!"

"Voltes para casa agora mesmo. Quando lá chegares, encontrarás uma pessoa usando uma manta e chinelos trocados, que lhe cumprimentará. Essa pessoa é o Buddha."

O rapaz pensou, aterrado: "Como posso retornar agora, quando estou às portas do meu objetivo? Eu teria que confiar muito no que este simples velho me diz". Então Yang Fu teve uma forte intuição de que aquele simples homem à sua frente era alguém de grande sabedoria. Num impulso, voltou-se para a estrada, sem jamais ter encontrado Wu-Ji. Ele retornou o mais rápido que pode, ansioso pela vontade de encontrar Buddha. Chegou em casa tarde da noite, e sua amorosa mãe, em meio à alegria e pressa de abraçar o filho que retornava ao lar, cobriu-se de uma manta usada e calçou seus chinelos trocados.

Olhando para sua mãe desse modo, que vinha sorrindo e pronta a abraçá-lo, Yang Fu atingiu o Satori. Este era o maior tesouro.

90. O Mistério do Zen

Certa vez, Huang Shan-ku perguntou ao mestre Hui-t'ang:

"Por favor, Mestre, diga-me qual é o significado oculto do Buddhismo?"

O Mestre replicou:

"Kung-Tzu (Confúcio) disse: 'Pensais que estou escondendo coisas, ó meus discípulos? Na verdade, não escondo nada de vocês'. O Zen também não tem nada de oculto. A Verdade já está revelada."

"Não enten...!" estava dizendo o homem. Mas o mestre fez um gesto de silêncio e disse:

"Não digas nada!"

Huang Shan-ku ficou confuso. O Mestre então ergueu-se e convidou-o a segui-lo até o sopé de uma montanha. Eles caminharam em silêncio. Lá chegando, o Mestre perguntou:

"Sentes o suave aroma dos ciprestes?"

"Sim," disse o outro.

"Como vês, também eu não escondo nada de ti."

91. Sem Motivo

Certo dia, três amigos passeavam e viram um homem no cume de um pequeno monte, sentado. Curiosos sobre o que estaria o homem fazendo, foram até ele, usando a trilha na encosta. Chegando lá, o primeiro disse:

"Olá, está esperando um amigo?"

"Não..." - respondeu o outro. O segundo homem replicou:

"Então está respirando o ar puro!"

"Não..." - disse o estranho. O terceiro amigo disse:

"Já sei! Você estava passando e resolveu olhar este belo cenário."

"Não, na verdade..." - repetiu o homem. Os três amigos então exclamaram ao mesmo tempo, estupefatos:

"Mas então, o que faz aqui?!"

O homem disse com um suave sorriso:

"Apenas ESTOU aqui..."

92. A Morte de Buddha

Assim eu ouvi:

Estava o Abençoado - já adentrado em anos - caminhando no Bosque de Upavartana, em companhia de seu dileto discípulo Ananda, quando subitamente sentiu-se fatigado. Deitou-se um pouco para descansar, com Ananda a seu lado. Após um tempo, sentiu-se melhor e levantou-se. Um pouco mais adiante na senda, o Venerável voltou a parar, fatigado. Logo após algum tempo em descanso, levantou-se. Então, pela terceira vez, sentiu-se muito cansado, e Ananda, aflito, o ajudou a deitar-se à sombra de uma árvore. O Abençoado então disse a seu discípulo:

"Busque meus discípulos e reuna-os à minha volta, pois o Tathagata em breve terá sua personalidade extinta."

Quando os discípulos se assentaram, disse o Buddha muitas coisas sábias, e então disse a Ananda, mas falava para todo o Sangha:

"Preguei o Dharma sem limites entre o oculto e o revelado, pois no tocante à Verdade o Tathagata não tem nada que se assemelhe ao punho cerrado de um instrutor que oculta alguma coisa.

"Já sou velho, Ananda, tenho oitenta anos e termino meus caminhos e meus dias; assim como uma velha carroça que vagamente roda na estrada, assim meu corpo se sustenta com muita fragilidade. Meu corpo só está bem quando mergulho no equilíbrio da meditação.

"Por isso, monges, permaneçam na Senda, e assim devem vos guiar pelos Preceitos. Que o Dharma e as regras do Sangha sejam vosso mestre quando eu partir; e que o Sangha saiba derrogar, se convier, os preceitos de pouca importância. Se conseguirdes guardar bem os Preceitos, disso resultará a Boa Lei. Se não conseguirdes guardar de forma correta o sentido dos Preceitos, então seus pretensos atos de benevolência serão destituídos de méritos reais.

"Assim, pois, Ananda, sede vossas próprias lâmpadas. Apoiai-vos em vós mesmos e não em nenhum sustentáculo externo. Sustentai-vos apenas na Verdade. Que ela seja vossa bandeira e refúgio."

Dirigindo-se à assembléia, perguntou:

"Se ainda entre vós alguém abriga dúvidas, que a exponha livremente, pois meu tempo de responder a todas as dúvidas está encurtando."

Ananda disse, após um período:

"Certamente, dentre os que aqui se encontram não há ninguém que abrigue dúvidas ou receios acerca do Buddha, do Dharma e da Senda."

Então o Abençoado proferiu suas últimas palavras:

"Decadência é inerente a todas as coisas existentes, porém o Dharma perdurará eternamente. Busquem com afincamento por sua libertação."

Neste momento o Buddha entrou em meditação, e expirou tranqüilamente.

93. O Dharma Eterno

Um dia um discípulo perguntou ao seu professor:

"Mestre, todas as coisas existentes têm de extinguir-se, mas há uma Verdade Eterna?"

"Sim," disse o mestre. E apontou para o jardim:

"Ela é como as flores do campo, que de tão belas parecem brocados de pura seda; como um riacho aparentemente imóvel, mas que de fato está fluindo suavemente para o oceano."

94. O Verão Zen

Ao terminar o Verão, Yang-shan fez uma visita a Kuei-shan, que lhe perguntou:

"Não vos vi por aqui todo o Verão, o que fizestes?"

Yang-shan replicou:

"Estive cultivando um pedaço de terra e terminei de plantar umas sementes."

"Então," comentou Kuei-shan, "não desperdiçastes o vosso Verão."

Por sua vez, Yang-shan disse:

"E vós, como passastes o Verão?"

"Uma refeição por dia e um bom sono à noite," argumentou o outro.

"Então," foi a vez de Yang-shan comentar, "não desperdiçastes o vosso Verão."

Koan: Buscamos a Verdade longe, mas ela está sempre próxima de nós.

95. Como capturar o Vazio

Shin-kung perguntou a um dos seus mais inteligentes monges:

"Podeis capturar o Vazio?"

"Sim, senhor", replicou ele.

"Mostrai-me como fazes," pediu o mestre.

O monge abriu os braços e açambarcou o espaço vazio. Shin-kung disse:

"É essa a maneira? Apesar de tudo, não capturou coisa alguma."

"Então," replicou o monge um tanto ofendido, "qual é o método que usas?"

O mestre segurou o nariz do aluno e deu um forte puxão. O rapaz gritou:

"Aaiii! Estás puxando com muita força! Está me machucando!"

O mestre replicou:

"Perfeito! Essa é a maneira de realmente capturar o Vazio!"

96. A Pedrinha no Bambu

Hsiang-yen foi discípulo de Pai-chang. Era uma pessoa muito inteligente, e sempre confiou na presunção de que se estudasse e absorvesse todo o conhecimento dos termos e textos budhistas, seria um entendedor do Zen. Após a morte de seu mestre, ele dirigiu-se a Kuei-shan - que era o mais antigo discípulo de Pai-chang - para que este lhe orientasse. Mas Kuei-shan comentou:

"Soube que estiveste sob a orientação de meu antigo mestre e falaram-me de tua notável inteligência. Tentar compreender o buddhismo através deste meio leva geralmente a uma compreensão analítica, que em si nada tem de útil, mas que pode indiretamente levar o praticante a uma intuição do sentido Zen. Por isso, eu lhe pergunto: como tu eras antes de teus pais terem lhe concebido?"

Hsiang-yen ficou pasmo, sem saber o que dizer. Pediu licença e foi para seu quarto, e procurou em todos os textos e conceitos uma resposta para a estranha questão. Não foi capaz, e voltou ao outro monge. Pediu-lhe para ensinar sobre o sentido do que quis dizer, e Kuei-shan perguntou:

"Sinto muito, mas nada tenho a lhe dar. Tu sabes mais do que eu, e se nós debatêssemos com certeza eu ficaria em dificuldades. Tudo o que eu lhe pudesse dizer pertence às minhas descobertas pessoais e jamais poderia ser teu."

Hsiang-yen ficou desapontado e achou que o monge mais velho lhe estava escondendo algo deliberadamente. Resolveu partir do templo, e buscar o conhecimento através dos livros e conceitos, pois achava que na verdade o seu conhecimento não era suficiente, e por isso o outro não quis lhe responder. Foi morar em um eremitério e passou a estudar com afinco. Após vários anos, achando-se suficientemente conhecedor dos conceitos budhistas, voltou a Kuei-shan. Este, quando ouviu suas doudas explicações e sua solicitação por orientação, apenas sorriu e nada disse. Virou-se e foi embora.

Hsiang-yen ficou irritadíssimo. Naquele momento tomou uma decisão, destruiu todos os seus textos e resolveu desistir dos estudos, ainda que já fosse um grande intelectual. Ele pensou: "Qual a utilidade de estudar o buddhismo, se este é tão sutil e se é tão difícil receber instruções de outrem? Serei agora um simples monge praticante, e desisto de entender qualquer coisa!"

Abandonou o templo e suas cercanias, construiu uma cabana próxima à sepultura de Chu, o Mestre Nacional de Nan-yang, e passou a viver uma vida simples longe dos estudos e questões.

Certo dia, estava varrendo o chão de sua casa quando a vassoura tocou numa pedrinha, que rolou e bateu em um bambu. Em meio ao silêncio, o som ecoou suavemente. Ao ouvir este som, Hsiang-yen experimentou o Satori, e finalmente compreendeu o que tinha lido dito Kuei-shan. Ele então ajoelhou-se e silenciosamente fez uma reverência de agradecimento ao sábio monge.

97. Compreendeis o Budismo?

Um monge perguntou a Hui-neng (o Sexto Patriarca Zen):

"Quem herdou o espírito do Quinto Patriarca?"

Hui-neng respondeu:

"Aquele que compreende o Budismo."

"Teríeis então vós herdado este espírito?" quis saber o monge.

"Não," replicou o mestre. "Eu não o herdei."

"Por que não?!?" o monge, naturalmente pasmo, perguntou então.

"Porque não compreendo o Budismo." Afirmou Hui-neng.

Koan: Vós compreendeis o Budismo?

98. Além do Vazio

Certa vez um monge perguntou a Li-chan:

"Se todas as coisas se reduzem em última análise ao Vazio, este a quê se reduzirá?"

Respondeu o mestre:

"Minha língua é curta demais para vos explicar."

"E por que vossa língua é tão curta?" perguntou o monge, intrigado.

"No interior e no exterior ela é da mesma vazia natureza." Disse o mestre.

99. A Sábia Iluminada

Perto do templo onde vivia o mestre Hakuin, morava uma jovem com seu pai. Seu nome era Osatsu, e embora segunda a tradição japonesa ela estivesse em idade para casar, por mais que seu pai insistisse ela não queria fazê-lo, preferindo estudar os Sutras. Certo dia, após ler

um Sutra, atirou o livro para cima de uma mesa e sentou-se em cima dele, dando gostosas gargalhadas. Assustado, seu pai foi ver Hakuin em busca de conselhos. O mestre resolveu ir falar com a menina. Ao ver Hakuin chegar ela sorriu e sentou-se à sua frente.

"Disseram-me que sentastes em cima de um Sutra", perguntou o mestre.

"Sim," respondeu a mulher, "pois sou mais digna de respeito do que um simples livro de sutras."

Hakuin olhou-a e disse:

"Nesse caso é melhor ir para o templo e não mais ficar em casa." A partir deste dia Osatsu praticou o Zen sob a orientação de Hakuin. Depois de algum tempo, seguindo os conselhos do mestre, ela casou-se e teve filhos, ainda que continuasse a praticar o Zen. Quando ficou mais velha, ela teve netos, os quais amava muito. Já então era considerada uma sábia mestra.

Um dia aconteceu de um de seus jovens netos adoecer e morrer. No dia do funeral, Osatsu abraçou o esquife, e chorou muito. Um dos presentes, estranhando o fato, disse-lhe:

"Então, embora sejas Iluminada pela Sabedoria, sofres mais do que nós?"

"Eu amava muito este meu neto!" disse simplesmente a sábia Osatsu, entre lágrimas.

Koan: O sentimento jamais abandona o sábio. Qual é o segredo do amor sem apegos?

100. Inferno?

Um homem perguntou ao mestre Zen:

"Onde estará o senhor daqui a cem anos?"

"Renascido como um cavalo ou um burro", respondeu o velho sábio.

"Oh!", exclamou o homem, confuso. "E depois disso?"

"Renascerei em um Naraka[1]", declarou o mestre.

"Mas... o senhor é um homem bom e sábio, por que tal coisa aconteceria?" perguntou o homem.

"Se não renascer lá para ensinar o Dharma, quem o fará?"

[1] Região de demérito kármico, associada ao semita "Inferno".

Koan: O Dharma está em toda parte. Onde tu estarás daqui a cem anos?

101. Bambu longo, bambu curto

Certa vez, durante uma palestra, um monge perguntou a um mestre Zen:

"Qual o significado fundamental do Budismo?"

O mestre disse:

"Ao final da palestra fique aqui sozinho comigo que eu lhe explicarei."

Imaginando que algo muito importante lhe seria revelado, o monge esperou impaciente o fim da preleção. Quando todos saíram, ele perguntou ansioso:

"Então, responder-me-ás agora?"

"Siga-me," disse o mestre e levantou-se. Conduziu o monge ao belo jardim aos fundos do templo, apontou para o bosque de bambus e disse:
"Este bambu é longo, aquele é curto."

102. Mente Ecológica, Mente Zen

Um discípulo perguntou ao seu mestre Zen:

"Como posso fazer com que as montanhas, os rios e a grande Terra me beneficiem?"

Respondeu o mestre:

"Vós deveis beneficiar as montanhas, os rios e a grande Terra."

Koan: A mente Zen é a nutrição da Terra. A mente da Terra é a nossa nutrição.

103. O que estais fazendo?

Shih-t'ou, certa vez, perguntou ao seu discípulo Yueh-shan:

"O que estais fazendo aqui?"

"Nada estou fazendo", respondeu o pupilo.

"Então estais gastando seu tempo!" Disse o mestre, testando-o.

"Não será também gastar o tempo, quando fazemos alguma coisa?" replicou o monge.

"Dizeis que nada estais fazendo, mas quem é este indivíduo que nada faz?"

Respondeu Yueh-shan:

"Até o mais sábio não pode saber."

104. O Aperfeiçoamento Pessoal

Um praticante certa vez perguntou a um mestre Zen, que ele considerava muito sábio:

"Quais são os tipos de pessoas que necessitam de aperfeiçoamento pessoal?"

"Pessoas como eu." Comentou o mestre. O praticante ficou algo espantado:

"Um mestre como o senhor precisa de aperfeiçoamento?"

"O aperfeiçoamento," respondeu o sábio, "nada mais é do que vestir-se, ou alimentar-se..."

"Mas," replicou o praticante, "fazemos isso sempre! Imaginava que o aperfeiçoamento significasse algo mais profundo para um mestre."

"O que achas que faço todos os dias?" retrucou o mestre. "A cada dia, buscando o aperfeiçoamento, faço com cuidado e honestidade os atos comuns do cotidiano. Nada é mais profundo do que isso."

105. O Buddha Cipreste

Um discípulo perguntou ao seu mestre:

"Mestre, um cipreste possui a natureza de Buddha?"

"Sim," disse o sábio.

"E quando ele se tornará um Buddha?" indagou o aluno.

"Quando o céu cair..." comentou o mestre. O discípulo, confuso, perguntou então:

"E quando o céu cairá?"

"Quando o cipreste tornar-se Buddha," finalizou o sábio, sorrindo.

106. A Gargalhada Zen

Uma bela noite, o mestre Yao-shan foi passear pelas montanhas. Era uma linda noite de verão, e quando o sábio estava na beira de uma escarpa, as nuvens descobriram a lua e a névoa dissipou-se subitamente. Yao-shan pôde então ver o vale iluminado pela lua, numa visão de sonho...

Olhando tanta beleza, Yao-shan repentinamente começou a dar gostosas gargalhadas. Seu riso foi tão alto que os ecos reverberaram por quilômetros de distância.

No dia seguinte, os habitantes da pequena aldeia próxima das montanhas comentavam entre si:

"Ontem à noite ouvi risos! Misteriosos risos, e não sei de onde vinham." - disse um aldeão.

"Sim, eu também ouvi! Isso é realmente misterioso!" - replicou outro. Dois monges do templo ouviram os comentários e um deles simplesmente disse:

"Não há mistérios no Zen. O som que ouvistes foram de Yao-shan, rindo nas colinas. O Som da alegria zen é como a vida: não encontra fronteiras, e é ouvida por todos."

107. Homem ou Mulher - Não Faz Diferença

Uma monja vivia preocupada e mortificada porque, segundo tinha lido num texto, o fato de ser uma mulher obstaculava seu caminho espiritual; que toda mulher deveria ansiar por renascer como homem, para que assim pudesse desenvolver-se no Caminho. Como ela tinha lido tal coisa em um Sutra, ela imaginou que isso seria algo real e sério, mas não entendia como poderia ser assim. Um dia, buscou o mestre Long-tan e perguntou-lhe:

"Mestre, li em um Sutra que ser uma mulher é algo ruim, e que devo me aperfeiçoar para que, um dia, possa renascer como um homem e assim poder atingir a sabedoria. Mas como posso fazer isso? O que devo fazer para renascer como um homem?"

O mestre simplesmente perguntou-lhe:

"Há quanto tempo és uma monja?"

"Mas..." replicou a monja "eu não perguntei sobre isso. Perguntei como posso um dia renascer como homem!"

"O que tu és agora?" perguntou o mestre.

"Uma mulher, ora!" respondeu a monja, surpresa. "Quem não sabe disso?"

"E quem realmente conhece tua verdadeira natureza para, a partir do fato de seres uma mulher, sentenciar tolamente que tua condição feminina lhe impede de compreender o Dharma?" disse Long-tan.

Neste momento a monja obteve o Satori.

108. Chuva

Num dia chuvoso, quando estava sentado com um discípulo no salão do templo e ouvindo as gotas d'água batendo suavemente no telhado e no pátio, o mestre Jing-ying perguntou ao outro monge:

"Que som é aquele lá fora?"

"É a chuva," respondeu o monge. O mestre disse:

"Ao buscar fora de si mesmos alguma coisa, todos os seres se confundem com os significados."

"Então," replicou o discípulo, "como deveria eu me sentir em relação ao que percebo, Mestre?"

O sábio apenas disse:

"Eu sou o barulho da chuva."

109. Onde Começa o Caminho?

Um dia, um discípulo foi ao mestre Kian-fang e perguntou-lhe:

"Todas as direções levam ao caminho de Buddha, mas apenas uma conduz ao Nirvana. Por favor, mestre, diga-me onde começa este Caminho?"

O velho mestre fez um risco no chão com seu bastão e disse:

"Aqui".

110. Não tenho nada

Um jovem monge aproximou-se de Chao-chou muito orgulhoso e eufórico, e disse:

"Me desfiz de tudo o que tinha! Minhas mãos estão vazias e vim à vós com o coração sereno!"

"Então resta apenas desfazer-te disso, e chegarás ao Zen." Afirmou o mestre.

"Mas," replicou o monge, "não tenho mais nada. Do que mais posso me desfazer?"

"Tudo bem," comentou o sábio, "se tu queres manter o Nada que ainda carregas, fique com ele..."

111. Estou Aqui

Um velho monge estava secando vegetais sob o inclemente sol do meio-dia. Um homem aproximou-se solícito e disse:

"Quantos anos tens?"

"Sessenta e Oito," disse o ancião.

"Por que trabalhas tanto aqui no templo?"

"Porque aqui no tempo tem tanto trabalho a fazer," replicou o monge.

"Mas porque trabalha sob este sol tão quente?"

"Porque o sol quente está lá, e meu trabalho é aqui."

112. Isso também passará

Um praticante foi até o seu professor de meditação, tristemente, e disse:

"Minha prática de meditação é horrível! Ou eu fico distraído, ou minhas pernas doem muito, ou eu constantemente fico com sono. É simplesmente horrível!!!!"

"Isso passará," o professor disse suavemente.

Uma semana depois, o estudante retornou ao seu professor, eufórico:

"Minha prática de meditação é maravilhosa! Eu sinto-me tão consciente, tão pacífico, tão relaxado, tão vivo! É simplesmente maravilhoso!!!!!"

O mestre disse tranquilamente:

"Isso também passará."

113. O Real Imaginário

Um monge perguntou a Yen-kuan:

"Quem é realmente Vairochana Buddha?"

"Por favor," replicou Yen-kuan, "passe-me aquele jarro d'água."

O monge esticou o braço, pegou o jarro e o colocou na frente do outro. Yen-kuan então disse:

"Pode recolocá-lo no lugar original, por favor?"

O monge fez isso, sem comentários. Após um momento ele perguntou novamente a Yen-kuan:

"Quem é realmente Vairochana Buddha?"

O mestre respondeu:

"A venerável divindade esteve aqui, mas já retornou ao seu lugar."

114. Quem é você?

O Mestre Ma-ku certa vez chamou seu discípulo:

"Liang-sui!"

O outro monge respondeu:

"Sim?"

Ao ouvir essa resposta, o mestre novamente chamou:

"Liang-sui!"

O monge disse:

"Pronto!"

Pela terceira vez o mestre falou:

"Liang-sui!"

O discípulo, intrigado, replicou:

"Estou aqui, mestre."

Após uma pausa sem nada dizer, o sábio exclamou para seu aluno:

"Quão tolo tu és!"

Ao ouvir isso Liang-sui teve o Satori, e afirmou:

"Mestre, já não mais me engano. Se não tivesse buscado a vós como mestre, eu teria sido levado miseravelmente, durante toda minha vida, a permanecer preso aos sutras e aos sastras!"

Mais tarde, alguns companheiros de Liang-sui perguntaram-lhe:

"O que sabes sobre a filosofia de Buddha?"

Liang-sui respondeu:

"Tudo o que sabeis eu também sei. Mas o que sei nenhum de vós sabeis."

115. Mente e Não-Mente

Um monge perguntou a Ta-chu:

"São as palavras a Mente?"

"Não, as palavras são condições externas. Elas não são a Mente," disse o mestre.

"Então onde, fora das condições externas, podemos encontrar a Mente?"

"Não há Mente além das palavras," declarou o sábio.

"Não havendo Mente independente das palavras, o que é afinal a Mente?" perguntou o monge, confuso.

"A Mente é sem forma e sem imagens. Em verdade, ela nem depende nem é independente das palavras. É eternamente serena e livre em seu movimento."

Koan: Onde está a sua Mente?

116. A Velha e o Buddha

Havia uma velha mulher que vivia no lado leste da cidade em que também morava o Buddha. Ela nascera quando tinha nascido Gautama, e tinha vivido toda sua vida acompanhando a história de Sua vida, uma vez que era sua contemporânea. Entretanto, ela nunca quis vê-lo, ou falar com ele. Sempre que ouvia que Buddha se aproximava, ela fugia de sua presença, tentando por todos os modos evitar-lhe o olhar, correndo para aqui e para ali, escondendo-se. Mas certo dia, ela estava em um local de onde não podia sair ou se esconder. Buddha se aproximava, e a velha mulher, desesperada em seu terror de encontrar tal homem, já não sabia o que fazer. Então, no último momento, ela fez a única coisa possível para evitar ver o Buddha: ergueu ambas as mãos à frente de seu rosto, tapando assim sua visão. Neste momento, maravilhosamente, o rosto de Buddha apareceu entre cada um de seus dez dedos.

Koan: A condição de Buddha representa a absoluta afirmação (Dharma). Não se pode fugir da Verdade, pois ela vai estar a cada passo de seu caminho. Portanto, quem é esta velha mulher?

117. A Morte de Um Gato

No mosteiro de Nan-Ch'uan (748-834 d.C.), os monges da ala oriental discutiam com os da ala ocidental, no meio do dojo de meditação, sobre a posse de um gatinho. Em meio à confusão chega o mestre, que silenciosamente pega o gato pelo cangote e o ergue acima de todos. O silêncio cai sobre os monges, e o mestre diz:

"Algum de vós podeis dizer algo para salvar este pobre animal?"

Ninguém soube o que dizer. O mestre simplesmente torce o pescoço do gato, matando-o.

Divide-o em dois, e lança uma parte na direção de cada grupo de monges desolados.

Mais tarde, quando Chao-chou retornou de uma viagem, ouviu de alguns monges o relato do acontecido. Ali perto, Nan-Ch'uan observava a conversa. Um dos monges perguntou a Chao-chou:

"O que terias feito para salvar o gato?"

Chao-chou nada disse, descalçou as sandálias, colocou-as na cabeça, e saiu andando. Neste momento Nan-Ch'uan apareceu e disse, num tom entristecido:

"Estivésseis aqui na ocasião e teríeis sido capaz de salvar aquele gatinho."

Koan: O que é "possuir"?

118. O Corajoso General

Havia um certo general chinês, que em batalha liderou seus homens com coragem e destemida força. Nada podia levá-lo a sentir medo, pois sua convicção era inabalável. Certo dia ele estava em casa, tomando chá usando sua mais adorada relíquia, uma bela xícara de porcelana finamente decorada. Ele era profundamente apegado àquela peça, e a estimava muito. Quando fez o gesto de colocá-la na mesa sua mão vacilou e a xícara começou a cair ao chão. Terrificado com o temor de que a peça se quebrasse, o general lançou-se ao chão e no último momento conseguiu pegá-la.

Ainda tenso, tremendo e suando frio, o general pensou:

"Liderei homens em terríveis guerras e passei por momentos assustadores na vida sem jamais vacilar! Como é possível que eu sentisse tanto temor por causa de um pequeno objeto de porcelana?!?"

Então o general percebeu plenamente a natureza de seu apego na vida. Neste momento, largou a xícara ao chão, voltou-se para uma vida contemplativa e abandonou a violência e a paixão ignorantes.

119. O Cego e a Lanterna

Quando saía da casa de um amigo tarde da noite, um homem cego recebeu deste uma lanterna. O cego disse, surpreso:

"Sou cego. De que me vale levar uma lanterna?"

"Sei disso, mas como vais caminhar no escuro, a lanterna evitará que outras pessoas esbarrem em vós," disse o solícito amigo, acendendo a vela dentro da lanterna.

O homem partiu levantando a lanterna à sua frente. Confiante no fato de que ela evitaria acidentes com outras pessoas, ele caminhou sem medo ou relutância ao longo da estrada. Nunca ele se sentiu tão confiante, sabendo que a lanterna era um eficiente aviso de sua presença no caminho.

Entretanto, para sua completa surpresa, de repente alguém esbarra fortemente nele, que cai ao chão. Irritado com isso, o cego grita:

"Não podeis ver uma lanterna aproximando-se?! Com certeza és mais cego do que eu!!!!"

Mas o outro homem disse confuso:

"Mas como poderia ter visto uma lanterna apagada nesta noite escura?"

Todo aquele tempo o cego carregava a lanterna inutilmente, pois a vento tinha apagado a vela há muito...

120. Perfeição

Certo dia um Mestre falava para seus alunos sobre a natureza da Perfeição. Um dos discípulos, céptico quanto a possibilidade de poder realmente algo chegar à perfeição concretamente e incapaz de compreender o sentido do que o Mestre falava, observou próximo ao grupo um cesto de maçãs e disse ironicamente:

"Mestre, fiquei fascinado com sua explicação sobre a Perfeição. Poderia o senhor, para ilustrar o que acabou de dizer, me dar uma maçã perfeita?"

O Mestre calmamente olhou dentro da cesta, retirou uma maçã e entregou ao aluno.

Pegando-a, este viu que a fruta estava com uma parte podre num dos lados. Olhou para o professor e disse arrogante:

"Essa é a perfeição de que fala? Esta maçã tem uma parte podre!"

"Sim," replicou o Mestre. "Mas para teu nível de compreensão e discernimento, esta maçã podre é o máximo de maçã perfeita que poderás obter..."

121. Salvar Vidas

Havia um médico na antiga China, cujo trabalho era cuidar dos soldados nas batalhas. Entretanto a angústia de ver as atrocidades da guerra, e o fato de que sua função como médico parecia inútil, pois sempre que curava um soldado este voltava à guerra e eventualmente morria, fez com que ele pensasse:

"Se o destino de todas as pessoas é morrer, por que devo eu buscar salvar vidas? Se minha medicina tem realmente valor, por que estes homens, após serem curados, voltam a buscar a morte?"

Sem conseguir encontrar uma resposta, o médico abandonou sua profissão e foi às montanhas procurar um sábio mestre Zen. Após meses de prática, ele finalmente compreendeu seu dilema. Afastou-se de seu retiro e voltou à cidade. Quando lá chegou, um amigo seu cumprimentou-o pela sua volta e disse:

"Que felicidade vê-lo de volta. Encontrou a resposta para sua dúvida?"

"Descobri que todo este tempo fiz a pergunta errada. Não sou médico porque busco salvar vidas; sou médico porque a Vida merece ser perpetuada o mais possível. O médico não salva a vida de outrem; ele apenas ajuda a perpetuar a Vida Universal (o Tao) em cada ser que busca curar. Pois a vida de cada ser é uma só Vida, e cada vez que curo alguém, mantenho o Tao em perpétuo e maravilhoso movimento."

122. Olhando da Maneira Correta

Havia em uma aldeia uma velha chamada "mulher chorosa" pois todos os dias, chovendo ou fazendo sol, ela sempre estava chorando. Ela vendia bolinhos na rua, e um monge sempre passava por ela quando ia ao grande templo para os ritos. Um dia, curioso, ele lhe perguntou: "Sempre que passo, seja em belos dias ensolarados, seja em suaves dias chuvosos, vejo a senhora chorando. Por que isso acontece?"

"Tenho dois filhos," ela respondeu, "Um faz delicadas sandálias, o outro guarda-chuvas. Quando faz sol, penso que ninguém comprará os guarda-chuvas de meu filho, e ele e sua família vão passar necessidades. Quando chove, penso no meu filho que faz sandálias, e que ninguém vai comprá-las. Então ele também vai ter dificuldade para sustentar sua família."

O monge sorriu e disse:

"Mas... a senhora deveria ver as coisas de forma correta. Veja: quando o sol brilha, seu filho que faz sandálias venderá muito, e isso é muito bom! Quando chove, seu filho que faz guarda-chuvas venderá muito, e isso é também muito bom!"

A velha olhou-o com alegria e exclamou:

"Tem razão!"

Desde então a velha passa todos os dias, chovendo ou fazendo sol, sorrindo feliz.

123. Tudo Morre

Quando era jovem, o então monge Ikkyu e seu irmão estavam arrumando o quarto de seu mestre, e num acidente o irmão quebrou a tigela da cerimônia do chá favorita do sábio professor. Ambos ficaram assustados, pois a tigela era muito estimada pelo mestre, pois foi um presente do imperador. Entretanto, Ikkyu disse ao irmão:

"Não se preocupe. Sei como abordar a questão com nosso mestre!"

Juntou os pedaços de cerâmica, escondeu-os no manto, saiu para o jardim do templo e sentou-se a esperar pelo velho sábio. Quando este se aproximou, Ikkyu propôs-lhe um Mondo (uma seqüência de perguntas e respostas):

"Mestre, é dito que todos os seres e todas as coisas no Universo estão fadadas a morrer?"

"Sim," respondeu o Mestre, "o próprio Buddha assim afirmou, e tal conceito é inegável: todas as coisas têm de perecer."

"Sendo assim, devemos compreender a natureza da impermanência, e superar o sofrimento ignorante pelas perdas que são, afinal, relativas e inevitáveis."

"Com certeza, tal compreensão faz parte do caminho correto!" disse o mestre feliz pela sagacidade de seu jovem discípulo. Neste momento, Ikkyu retirou os cacos de sua manga, pousou-os à frente do mestre e disse:

"Mestre, sua querida xícara de chá morreu..."

E saiu ligeiro da presença do surpreso sábio...

124. O Que Mais?

Um monge perguntou ao mestre:

"Faz muito tempo que venho a vós diariamente, a fim de ser instruído no santo caminho de Buddha, mas até hoje jamais vós me destes nenhuma palavra a este respeito. Eu vos imploro, mestre, sejais mais caridoso."

O velho mestre olhou-o com surpresa:

"O que quereis dizer com isso, meu rapaz? Todas as manhãs vós me saudais e eu vos respondo. Quando me trazeis uma xícara de chá, eu a aceito, agradeço-vos e me delicio com vossa solicitude. O que mais desejais que eu lhe ensine?"

125. Alegria

O monge Shou-duan era muito diligente, mas não tinha senso de humor. Praticava o Zen de forma rígida e moralista, e era incapaz de se guiar pela alegria. Um dia seu mestre Yang-ki perguntou:

"Quem foi seu mestre anterior?"

"O monge Chaling Yu", respondeu o outro.

"Ouvi dizer que ele obteve o Satori quando escorregou de uma ponte e caiu na água, e até mesmo chegou a escrever um poema sobre isso, não foi assim?"

"Sim," replicou Shou-duan, "e eu ainda me lembro do poema:

Tenho uma pérola brilhante

Que por muito tempo esteve obscurecida pelo pó;

Agora o pó se foi

E o brilho voltou

Iluminando os rios e as colinas."

Ouvindo isso, o mestre Yang-ki caiu na gargalhada, rindo sem parar. O monge Shou-duan ficou pasmo. Não entendeu o porquê de tanta alegria. Naquela noite foi incapaz de dormir, pensando no que poderia ter sido engraçado naquilo tudo. No dia seguinte foi à presença do mestre e lhe perguntou:

"Mestre, por que riste tanto ao ouvir o poema que recitei ontem? Não entendo o que pode ser tão engraçado!"

"Ontem um palhaço esteve aqui, apresentando-se numa pantomima. Vós lembrais disso?"

"Sim, lembro-me."

"Pois há um aspecto nele que é completamente superior ao vosso espírito."

Intrigado, o monge replicou: "E o que um palhaço possui de mais profundo do que eu?"

"Ele gosta que as pessoas riem, e vós tendes medo quando elas riem..."

Ouvindo isso, o monge obteve o Satori.

126. Não Conheço Títulos

Um dia, o grande general Kitagaki foi visitar seu velho amigo, o superior do templo Tofuku. Ao chegar, disse a um noviço de forma algo desdenhosa como comumente se dirigia às pessoas que considerava seus subordinados no exército:

"Diga ao Mestre que o grande general Kitagaki está aqui."

O noviço foi ao seu mestre e disse:

"Mestre, o Grande General Kitagaki está aqui."

O mestre respondeu:

"Não conheço Grandes Generais."

O noviço voltou à presença do militar com o recado enquanto o velho sábio observava do pórtico:

"Desculpe, o mestre não pode vê-lo. Ele não conhece nenhum Grande General."

O General inicialmente ficou surpreso, depois indignado, e finalmente compreendeu.

Humildemente disse ao noviço:

"Desculpe minha arrogância. Por favor, diga-lhe que Kitagaki deseja vê-lo."

O monge assim o fez. Logo, o mestre aproximou-se com um sorriso e cumprimentou:

"Ah, Kitagaki! Há quanto tempo! Por favor, entre."

127. A Vaca Zen

Shih-kung, um dia, trabalhava na cozinha quando Ma-tsu aproximou-se e perguntou o que fazia.

"Estou cuidando da Vaca," disse o outro, enquanto lavava os pratos.

"Como cuidais da vaca?" desejou saber o mestre.

"Se ela se afasta da Senda, eu puxo-a de volta pelo focinho. Não posso me distrair nem um minuto!"

Comentou Ma-tsu:

"Sabeis realmente cuidar dela."

128. Nada é Desperdiçado

Certo dia, o mestre Yi-shan tomava banho, mas a água estava muito quente. Ele pediu então ao seu discípulo que trouxesse água fria. O discípulo encheu um balde e foi despejando-o devagar na tina de banho, e em determinado momento o mestre disse:

"Está bom, obrigado. A quentura foi diminuída e agora está muito agradável."

Como sobrou um pouco de água no balde, o noviço simplesmente virou-se e jogou a água no chão, perto da tina. O mestre ao ver isso gritou para o outro monge:

"Por que fizestes tal estupidez?! Tudo tem utilidade. Por que desperdiçou a água? Poderia tê-la despejado sob uma planta ou árvore, onde poderia ser útil! Ou então por que não a jogou num canteiro de flores? Nunca se esqueça: não devemos desperdiçar nem mesmo uma gota de água, nem uma folha de grama!!

"Tudo neste mundo é valioso."

Ouvindo isso, o monge noviço compreendeu o significado da vida. Desde então ele ficou conhecido como "Gota D'água".

129. Dar e Receber

Um professor de Zen, após anos como orientador de um aluno particularmente sensível e sábio, resolveu lhe dar um presente:

"Estou ficando velho, em breve morrerei. Para simbolizar sua sucessão a mim como mestre vou lhe dar este livro valiosíssimo."

O discípulo, entretanto, não estava interessado em livros:

"Não é necessário, obrigado, mestre. Eu aceitei o seu ensinamento como o Zen que prescinde a palavra escrita. Gosto de sua face original. Fique com seu precioso livro."

O professor insistiu, e afirmou, orgulhoso:

"Este livro atravessou sete gerações, é uma relíquia! Por favor, fique com ele como um símbolo de sua aceitação do manto e da tigela!"

O outro apenas disse:

"Está bem, dê-me o livro."

Ao recebê-lo, o discípulo simplesmente atirou o livro no fogo próximo, queimando-o. O professor ficou chocado. Gritou para o aluno, indignado:

"Como pôde fazer isso?! Era uma peça inestimável de conhecimento!"

Foi a vez do sábio discípulo ficar indignado:

"Como podes dar mais valor a papel e couro do que àquilo que me ensinastes diretamente, de forma pura? Ensinar uma sabedoria que não se pode praticar é como agir sem coração, e não ser nada mais do que um repetidor de textos sagrados. Tu me deste um objeto, e eu usufrui dele como considere adequado. Como podes ficar indignado com um simples 'dar e receber'?"

Koan: O que é "possuir"?

130. O Intelectual e as respostas Zen

Certa vez Tao-kwang, um intelectual budista e estudioso do Vijñaptimara (idealismo absoluto), aproximou-se de um mestre Zen e perguntou:

"Com que atitude mental deve um indivíduo disciplinar-se para alcançar a Verdade?"

Respondeu o mestre Zen: "Não há nenhuma mente a ser disciplinada, nem qualquer verdade na qual nós devemos nos disciplinar."

Replicou o intelectual:

"Se não há nenhuma mente para ser controlada e nenhuma Verdade para ser ensinada, por que vos reunis todos os dias aos monges? Se não tenho língua, como será possível aconselhar a outrem a virem até mim?"

"Eu não possuo nem uma polegada de espaço para dar, portanto onde posso conseguir uma reunião de monges? Eu não possuo língua, como posso aconselhar a outrem virem a mim?" respondeu o mestre.

O Intelectual então exclamou:

"Como podeis proferir uma tal mentira na minha cara!?!?"

"Se não tenho língua," retorquiu o mestre, "para aconselhar os outros como é possível pregar uma mentira?"

Desesperado em confusão, disse Tao-kwang:

"NÃO POSSO SEGUIR VOSSO RACIOCÍNIO!!!"

"Nem eu tampouco..." concluiu o mestre.

131. Não Ouso Dizer

Pai-chang (720-814. d. C.) certa vez questionou a Nan-chuan (748-834. d.C.):

"Há alguma verdade que nenhum sábio como vós jamais ousou dizer até hoje?"

"Sim," respondeu Nan-chuan.

O outro continuou:

"E qual é, então, esta coisa sobre a qual não falais?"

Respondeu o mestre:

"Não é nem Mente, nem Buddha, nem Matéria."

132. Quer Chá?

Chao-chou perguntou a um monge recém-chegado a seu mosteiro:

"Já estivestes antes aqui?"

"Sim, senhor," respondeu o monge, "já estive no verão passado."
"Ah! Então entre e tome uma xícara de chá," disse o mestre, feliz.
Outro dia, apareceu um novo recém-chegado. Chao-chou lhe perguntou:
"Já estivestes antes aqui?"
"Eu jamais estive aqui, mestre."
"Ah!" exclamou o sábio, feliz, "Então entre e tome uma xícara de chá."
Inju, o monge que administrava o templo, testemunhou ambos os eventos. Disse então para Chao-chou, intrigado:
"Por que sempre fazeis o mesmo oferecimento, qualquer que seja a resposta do monge?"
O mestre subitamente gritou-lhe:
"INJU!!!"
O outro assustou-se e disse, apreensivo:
"Sim! O que houve?!"
Chao-chou completou:
"Entre e tome uma xícara de chá."

Koan: Quer chá?

133. Poeira

O salão de meditação (zendo) vivia empoeirado, e Chao-chou costumava varrê-lo, assim como ao pátio em frente. Certa vez perguntaram a Chao-chou:
"Por que, mestre, este santo zendo está sempre atraindo tanta poeira?"
Chao-chou exclamou:
"Oh, veja! Ali está outro grão de poeira!!"

134. Carroça

Um Imperador, sabendo que um grande sábio Zen estava às portas de seu palácio, foi até ele para fazer uma importante pergunta:
"Mestre, onde está o Eu?"
O mestre então pediu-lhe:
"Por favor traga-me aquela carroça que está lá."
A carroça foi trazida. O sábio perguntou:
"O que é isso?"
"Uma carroça, é claro," respondeu o Imperador.
O mestre pediu que retirasse os cavalos que puxavam a carroça. Então disse:
"Os cavalos são a carroça?"
"Não."
O mestre pediu que as rodas fossem retiradas.
"As rodas são a carroça?"
"Não, mestre."
O mestre pediu que retirassem os assentos.
"Os assentos são a carroça?"

"Não, eles não são a carroça."

Finalmente apontou para o eixo e falou:

"O eixo é a carroça?"

"Não, mestre, não são."

Então o sábio concluiu:

"Da mesma forma que a carroça, o Eu não pode ser definido por suas partes. O Eu não está aqui, não está lá. O Eu não se encontra em parte alguma. Ele não existe. E não existindo, ele existe."

Dito isso, ele começou a se afastar do surpreso monarca. Quando estava já afastado, voltou-se e perguntou-lhe:

"Onde Eu estou?"

135. Fudaishi e a explicação do Sutra do Diamante

O Mestre Fudaishi foi convidado pelo imperador Wu, de Liao, para fazer uma preleção sobre o famoso Sutra do Diamante. No palácio estavam o Imperador, seus ministros e mandarins, todos solenemente aguardando a presença do Mestre no salão principal. Ao chegar, Fudaishi subiu ao púlpito, e observou por alguns momentos atentamente os presentes. Depois ergueu o bastão, deu uma pancada com ele com toda a força no chão e retirou-se.

O Imperador ficou pasmo. Um de seus ministros perguntou-lhe:

"Vossa Majestade, entendeu?"

"Não entendi nada, na verdade!" voltou o surpreso monarca. Seu ministro então explicou:

"O Mestre já explicou tudo o que poderia explicar sobre o Vajracchedhika Sutra..."

136. O Cão Zen

Um monge perguntou a Chao-chou:

"Mestre, um cão possui a natureza de Buddha?"

Chao-chou respondeu:

"Wu!"

137. Pai-chang e a Raposa

Todas as vezes que Pai-chang (Hyakujo) fazia preleções sobre o Zen um velho homem as assistia, despercebido pelos monges. Ao final de cada palestra, ele partia junto com os monges. Mas um dia ele permaneceu após a partida de todos, e Pai-chang perguntou-lhe: "Quem sois vós?"

O velho respondeu:

"Não sou um ser humano, mas eu era um homem quando o Buddha Kashyapa pregou neste mundo. Eu era um mestre Zen e vivia nestas montanhas. Naquela época um dos meus estudantes me perguntou se um homem iluminado é sujeito à lei da Causalidade. Eu lhe respondi: 'O homem iluminado não é sujeito à lei da causalidade.' Devido a esta resposta evidenciar um apego à um conceito absoluto eu tornei-me uma raposa por quinhentos renascimentos, e eu ainda estou renascendo como raposa. Podeis vós me resgatar desta

condição com suas palavras e assim liberar-me de um corpo de raposa? Por favor, respondeis: Está o homem iluminado sujeito à lei da causalidade?"

Pai-chang disse:

"O homem iluminado é uno com a lei da causalidade".

Ao ouvir as palavras de Pai-chang o velho atingiu o Satori.

"Estou emancipado," ele disse, prestando homenagem ao mestre com uma profunda inclinação. "Não sou mais uma raposa, mas eu devo deixar meu corpo em meu local de residência atrás desta montanha. Por favor, peço-vos que realizeis meu funeral na condição de um monge." E então desapareceu.

No dia seguinte Pai-chang deu uma ordem por intermédio do monge-principal para que se preparasse um funeral para um monge.

"Mas ninguém está moribundo no hospital," questionaram os monges. "O que o mestre pretende?"

Após o jantar Pai-chang liderou os monges para fora do templo e em torno da montanha. Em uma caverna ele e seu grupo de monges retiraram o cadáver de uma raposa e então realizaram o rito funeral de cremação.

Naquela noite Pai-chang falou para seus monges e contou-lhes a estória sobre a lei da causalidade.

Huang-po (Obaku), após ouvir a estória, perguntou ousadamente a Pai-chang:

"Eu entendo que há muito tempo atrás, devido a uma certa pessoa ter dado uma resposta Zen errada ela tornou-se uma raposa por quinhentos renascimentos. Mas eu perguntaria: se algum mestre atual for questionado muitas vezes sobre várias perguntas, e se ele sempre desse respostas certas, o que lhe aconteceria?"

Pai-chang disse:

"Aproxime-se e eu lhe direi."

Obaku aproximou-se e deu rapidamente um tapa na face do mestre, porque percebeu facilmente que essa seria a resposta que Pai-chang pretendia lhe dar.

Pai-chang bateu palmas e riu muito diante do discernimento do outro, e disse simplesmente:

"Eu sempre imaginei que um Persa tivesse barba vermelha, e agora eu conheço um Persa que possui mesmo uma barba vermelha."

138. O Koan do Galho

Certa vez, Kyogen disse o seguinte:

"Zen é como um homem pendurado num alto galho de árvore pelos dentes, sobre um precipício. Suas mãos não podem alcançar o galho, seus pés não podem se apoiar em outro ramo. Um homem sob a árvore lhe pergunta: 'Por que Bodhidharma veio para a China da Índia?'.

"Se o homem na árvore não responder, ele falha; e se ele o fizer, ele cairá e perderá a vida.

"Assim eu lhes pergunto: O que deve este homem fazer?"

139. O Koan da Roda

Getsuan disse aos seus estudantes:

"Keichu, o primeiro mestre-construtor de rodas da China, fez duas rodas com 50 raios em cada. Agora, suponham que vocês removam o cubo do centro da roda, que une os raios. O

que aconteceria com a roda? E se o próprio Keichu fizesse isso, poderia ele ser chamado de mestre-construtor de rodas?"

140. Um Buddha do Passado

Um monge perguntou a Seijo: "Soube que um Buddha que viveu antes da história recordada sentou-se em meditação por dez ciclos de existência e não foi capaz de alcançar a verdade mais alta, e portanto não foi capaz de tornar-se completamente emancipado. Por que isso aconteceu?"

Seijo replicou: "Sua questão é auto-explanatória."

O monge insistiu: "Uma vez que o Buddha estava meditando, por que não pôde alcançar a compreensão búddhica?"

Seijo disse: "Ele não era um Buddha."

141. A pobreza de Seizei

Um monge chamado Seizei pediu a Sozan, cheio de auto-piedade:

"Estou pobre e miserável. Podes me ajudar?"

Sozan chamou: "Seizei?"

"Sim, senhor!" respondeu o outro.

Sozan disse: "Vós possuís o Zen, o melhor vinho da China, e vós já terminastes de beber três copos cheios. Ainda assim estais dizendo que nem sequer seus lábios foram molhados!"

142. Chao-chou e o Punho Levantado

Chao-chou foi até um lugar onde um monge havia se retirado para meditar e perguntou-lhe: "O quê é o que é?"

O monge, em resposta, levantou seu punho.

Chao-chou replicou: "Navios não podem permanecer ancorados onde a água é muito rasa," e partiu.

Poucos dias mais tarde o mestre foi mais uma vez à hermita do monge e fez-lhe a mesma questão. O monge respondeu do mesmo modo, e então disse Chao-chou:

"Corretamente oferecido, corretamente recebido, corretamente morto, corretamente poupado."

Então fez uma reverência ao monge.

143. Shi-yan Fala Com Seu Mestre

Shi-yan, quando desejava falar com seu mestre, sempre dizia para si mesmo:

"Mestre!"

E respondia para si mesmo: "Sim?"

Então ele mesmo continuava: "Fique Atento!"

E ele respondia: "Sim, mestre!"

"E além disso," ele completava, "não se deixe iludir pelos outros!"

"Sim, sim, meu Mestre!" ele afirmava para si.

144. Tokusan e a Refeição

Tokusan foi ao refeitório do templo com sua tigela nas mãos, pronto para comer alguma coisa.

Seppo estava trabalhando como o cozinheiro naquele dia. Quando viu Tokusan, disse:

"O tambor das refeições ainda não foi tocado. Aonde vais com vossa tigela?"

Tokusan então retornou ao seus aposentos.

Seppo falou a Ganto sobre o ocorrido, e Ganto declarou:

"O velho Tokusan na verdade ainda não entende a Verdade Última!"

Tokusan ouviu o comentário e pediu para Ganto aproximar-se.

"Ouvi o que dissestes," ele disse, "vós não aprovais o meu Zen?"

Ganto admitiu isso de forma indireta. Tokusan não disse mais nada, afastando-se calmamente.

No dia seguinte, no momento da palestra, Tokusan entrou, sentou-se, e calmamente falou sobre um tema de forma completamente diferente do que normalmente fazia. Ganto então riu alto e bateu as mãos, dizendo:

"Vejo que nosso velho mestre entende completamente a Verdade Última! Ninguém em toda a China pode superá-lo nisso!"

145. Três Golpes em Tozan

Tozan foi à presença de Yun-men (Ummon ? - 966). Este perguntou-lhe de onde Tozan estava chegando. Tozan disse:

"Da aldeia Sato."

Yun-men quis saber: "Em qual templo vós passastes o verão?"

"No templo de Hoji, ao sul do lago", disse Tozan de forma casual.

"Quando partistes de lá?" quis saber Yun-men.

"Em 25 de Agosto", respondeu Tozan. Yun-men então lhe afirmou:

"Eu deveria vos dar três golpes de bastão, mas hoje eu vos perdôo."

No dia seguinte Tozan foi até Yun-men, fez uma reverência e perguntou, confuso:

"Ontem vós me perdoastes os três golpes. Entretanto eu não compreendo nem mesmo qual foi a falta que cometi para poder merecer sofrer os golpes que vós me perdoastes!"

Yun-men então repreendeu Tozan desta forma:

"Vós sois inútil. Suas respostas ontem foram sem espírito. Vós simplesmente vagueais de um mosteiro para o outro!"

Ao ouvir as palavras de Yun-men, Tozan obteve o Satori.

146. Sinos e Mantos

Yun-men (Ummon ? - 966) certa vez perguntou:

"O mundo é realmente um imenso mundo! Por que vós respondeis ao badalar dos sinos e vestis mantos cerimoniais?"

147. Um Quilo e Meio

Um monge perguntou a Tozan enquanto ele estava pesando algum linho:

"O que é Buddha?"

Tozan disse:

"Um quilo e meio de puro linho..."

148. O Caminho está no Cotidiano

Joshu perguntou a Nansen: "Qual é o Caminho?"

Nansen disse: "O dia-a-dia é o Caminho".

"Pode ele ser estudado?" perguntou Joshu

Nansen disse: "Se tentares estudá-lo, irás estar muito longe dele."

Joshu replicou: "Se não posso estudá-lo, como posso entender o Caminho?"

Nansen completou: "O Caminho não pertence ao mundo da percepção, nem Ele pertence ao mundo da não-percepção. A cognição é delusão e a não-cognição é sem sentido. Se desejais alcançar o Verdadeiro Caminho além das dúvidas, busqueis ser tão livre como o céu. E não afirmais que isso é bom ou ruim."

Ao ouvir tais palavras, Joshu atingiu o Satori.

Koan: Sabeis reconhecer a Liberdade?

149. O Homem Iluminado

Shogen perguntou:

"Por que o homem Iluminado não se ergue e explica sua natureza?"

E então completou:

"Na verdade, não é necessário que as palavras venham da língua..."

150. Esterco Seco

Um monge perguntou a Yun-men (Ummon ? - 966):

"O que é o Dharma-Buddha?"

Yun-men respondeu:

"Esterco sêco."

151. Kashyapa e a Primeira Resposta Zen

Ananda perguntou a Kashyapa:

"Após o Discurso da Flor, Buddha deu-vos o manto dourado da sucessão. O que mais vos destes o Abençoado?"

Kashyapa gritou-lhe subitamente:

"Ananda!"

Ananda respondeu, surpreso:

"Sim, irmão!"

Kashyapa disse suavemente:

"É tarde. Já podeis descer do mastro minha flâmula e colocar a sua."

152. Não Pense Bem, Não Pense Mal

Quando atingiu a iluminação completa o sexto Patriarca (Hui-Neng) recebeu do quinto Patriarca (Hung-Jen) o manto e a tigela, simbólicos da sucessão de grandes mestres a partir de Gautama Buddha, geração após geração.

O monge-chefe do templo chamado Jin-shu, cheio de rancor, perseguiu Hui-neng com a intenção de retirar-lhe estes tesouros. O Sexto Patriarca colocou o manto e a tigela sobre uma pedra ao lado da estrada e disse a Jin-shu:

"Estes objetos apenas simbolizam uma crença. Não há motivos para se brigar por eles. Se desejais possuí-los, tome-os agora."

Quando Jin-shu tentou erger os objetos eles pareceram-lhe tão pesados como uma montanha. Ele não pode tomá-los. Tremendo de vergonha ele disse:

"Eu vim em busca de esclarecimento, e não de tesouros materiais. Por favor, ensinai-me."

O Sexto Patriarca disse:

"Quando vós não pensais no "Bem" e quando vós não pensais no "Mal", em qual momento está vossa verdadeira natureza?"

Ao ouvir tais palavras Jin-shu atingiu o Satori. Suor escorreu de todo seu corpo. Ele gritou e fez uma reverência, dizendo:

"Vós me destes as secretas palavras e os secretos significados. Há ainda alguma parte mais profunda de vosso ensinamento?"

Hui-neng disse:

"O que vos disse não é um segredo, em verdade. Quando compreendes vosso verdadeiro Eu o segredo já então lhe pertence."

Jin-shu disse: "Estive sob a orientação do quinto patriarca por muitos anos mas não pude compreender meu verdadeiro Eu até agora. Através de vosso ensinamento eu atingi a fonte. Uma pessoa bebe água e sabe por si mesma se esta é fria ou quente. Posso lhe considerar meu mestre?"

Hui-neng replicou: "Estudamos ambos sob o mesmo quinto patriarca. Continue chamando-o seu mestre, mas apenas guarde em si o que vós mesmos realizastes."

153. Sem Palavras, Sem Silêncios

Um monge perguntou a Fuketsu:

"Sem falar, sem silenciar, como vós podeis expressar a Verdade?"

Fuketsu replicou:

"Eu sempre me lembro das primaveras no sul da China. Os pássaros cantam por entre as inumeráveis espécies de belas e cheirosas flores..."

154. Pregando do Terceiro Assento

Em um sonho Kyozen foi à Terra Pura de Maitreya. Ele se viu lá sentado no terceiro assento no estrado de Maitreya. Alguém então anunciou:

"Hoje aquele que está assentado no terceiro trono irá fazer a Oração!"

Kyozen levantou-se e batendo no martelo, disse:

"A verdade do ensinamento Mahayana é transcendente, além das palavras e dos pensamentos! Vós me compreendeis?"

155. "Eu sou Desperto"

Quando Buddha atingiu a Suprema Iluminação, diz uma lenda que alguém lhe perguntou:

"Vós sois um Deus?"

"Não," ele disse.

"Vós sois um santo?"

"Não"

"Então quem sois vós?"

Ele então disse:

"Eu sou Desperto."

156. A conversão de Upali

Upali era um dos principais seguidores leigos do mestre Jaina Mahavira, contemporâneo de Buddha. Devido a sua inteligência, Upali frequentemente aparecia em público para debater em prol do Jainismo.

Certa vez Upali, buscando esclarecer os princípios do pensamento Jaina, envolveu-se em um debate com o Buddha. Ao fim do debate, Upali ficou tão impressionado com os ensinamentos de Buddha que acabou por solicitar se tornar um seguidor do Iluminado: "Venerável Senhor, por favor aceitai-me como um vosso seguidor!" ele pediu.

Mas Buddha ponderou: "Upali, vós estais sob a influência de suas emoções. Voltai para o seio de seu mestre, e reconsidere cuidadosamente sua decisão antes de me solicitar vossa inclusão no Sangha novamente."

Upali ficou então ainda mais impressionado e disse, "Se fosse qualquer outro guru, terias com certeza convocado uma parada para anunciar: 'O maior dos discípulos leigos de Mahavira tornou-se o MEU seguidor!'. Mas vós, Venerável Senhor, me falastes sobre ponderação e cautela reflexiva, para que eu reconsidere o meu ato. Agora eu desejo ainda mais ser seu seguidor. Não me erguerei daqui até vós me aceitares."

Finalmente, Buddha concordou em aceitar Upali, sob uma condição: "Upali, como um Jaina, vós sempre destes proventos aos monges Jainistas. Quando vos tornares meu seguidor, vós irás continuar a dar-lhes apoio e proventos. Esta é minha condição."

Upali aceitou tal condição. Mais tarde ele tornou-se um dos principais discípulos de Buddha. Upali é considerado aquele que compilou os Vinaya, ou as regras para os monges.

157. Dois Monges Erguem a Cortina

Hogen, do Mosteiro Seiryō, estava em vias de dar sua palestra antes do jantar quando percebeu que a cortina de bambu, abaixada para a seção de meditação, não tinha sido levantada. Ele apontou para ela, sem falar. Dois monges levantaram-se da audiência e juntos a levantaram.

Hogen, observando o momento concreto, disse:

"Os gestos do primeiro monge são corretos, mas não os do segundo."

158. Buddha é esta Mente

Daibai perguntou a Baso:

"O que é Buddha?"

Baso disse:

"Esta Mente é Buddha."

159. O Fio

Após algumas horas em agradável colóquio com seu mestre Niao-wo, o discípulo ergueu-se e reverentemente despediu:

"Obrigado por vosso tempo, Mestre. Agora eu me vou."

"E para onde vais?" Perguntou o sábio.

"Parto pelo país, sempre estudando com afinco o Dharma-Buddha," disse o discípulo.

"Ah, o Dharma-Buddha!" exclamou o Mestre, "Por acaso eu tenho um pouco disso aqui comigo, sabes?"

O jovem discípulo, intrigado e algo curioso, e também ligeiramente ambicioso, perguntou rápido, olhando em volta:

"É mesmo? Onde está? Onde está?"

O Mestre retirou um fio de seu manto e mostrou-o, declarando:

"Este fio também é o Dharma-Buddha."

160. Onde está Chao-chou?

Um dia um monge viajante, buscando encontrar o caminho até o templo Kwan-yin de Chao-chou (em japonês, Joshu. Seu nome completo seria Kong-shen de Chao-chou - a sua cidade nativa -, sendo chamado apenas de Chao-chou), perguntou a uma velha senhora que vivia nas cercanias da cidade de mesmo nome:

"Estou procurando por Chao-chou. Podes me indicar onde está?"

A velha disse:

"Siga em frente. Não vire para leste ou oeste."

Impressionado com a resposta, o monge relatou o ocorrido a Chao-chou, acrescentando:

"Aquela velha senhora era muito sábia no Zen. Quando perguntei onde vós estavas, ela me deu uma resposta muito profunda!"

Chao-chou apenas disse:

"Vou lá testá-la."

Chegando à presença da velha senhora, Chao-chou perguntou:

"Estou procurando por Chao-chou. Podes me indicar onde está?"

A velha disse:

"Siga em frente. Não vire para leste ou oeste."

Voltando até onde ficou o monge, ele replicou:

"Ela apenas não percebe uma coisa: Chao-chou esteve aqui todo o tempo."

161. Um filósofo questiona Buddha

Um filósofo perguntou a Buddha:

"Sem palavras, sem silêncio, podeis vós revelar-me a Verdade?"

O Buddha permaneceu em silêncio.

O filósofo agradeceu profundamente e disse:

"Com vossa amável generosidade eu esclareci minha Ilusão e penetrei no verdadeiro caminho."

Após o filósofo ter partido, Ananda perguntou ao Buddha que ele havia obtido.

O Buddha replicou:

"Um bom cavalo corre apenas à visão da sombra do chicote."

162. Vivo ou Morto?

O mestre Dao-wu e seu discípulo Jian-yuan foram prestar seus pêsames à família de um amigo falecido. Ao ver o esquife mortuário Jian-yuan perguntou ao seu mestre:

"O nosso amigo está vivo ou morto?"

"Não é possível se afirmar que ele está vivo ou morto," disse o sábio serenamente. Jian-yuan era um monge muito agressivo e impaciente. Ao ouvir tal resposta, ele insistiu:

"E por que não podeis me responder?"

O mestre replicou:

"Não posso fazer isso, me é impossível."

Jian-yuan ficou muito alterado. Gritou então para o sábio:

"Se não me responder, eu vou lhe bater!!!!!"

"Pois então faça-o. Ainda assim, não poderei lhe responder," disse Dao-wu.

O outro então começou a bater muito no velho sábio, dizendo enlouquecido:

"Que tipo de mestre és tu?! Possui o Conhecimento e recusas a dizer para teu discípulo! Falso! Mentiroso!"

Após agredir violentamente seu mestre, Jian-yuan abandonou-o ao chão, declarando:

"Pois então não diga! Vou embora!"

Depois de alguns anos, Dao-wu morreu. Jian-yuan, que havia procurado outro mestre - chamado Shi-chuang, soube disso e resolveu fazer a mesma pergunta ao seu mestre atual: "Soube que Dao-wu morreu. Está ele realmente vivo ou morto?"

O sábio disse serenamente:

"Não é possível se afirmar que ele está vivo ou morto."

Ao ouvir isso, Jian-yuan obteve o Satori. Compreendeu então o que Dao-wu quis lhe ensinar. No dia seguinte Jian-yuan foi encontrado andando de um lado a outro no salão de meditação do Templo, segurando uma enxada e parecendo procurar alguma coisa. Shi-chuang perguntou-lhe:

"O que fazes?"

Jian-yuan declarou, firmemente:

"Procuro os restos mortais do grande Mestre Dao-wu!"

Shi-chuang comentou:

"O oceano é vasto, suas ondas brancas inundam o céu. Que restos há para buscar?"

Jian-yuan respondeu:

"Esforço-me na Busca da melhor maneira que posso."

163. O Concreto Imaginário

Um monge perguntou a Chao-chou:

"O que diríeis se eu chegasse ante vós sem nada trazer?"

Chao-chou respondeu:

"Deixai-o aí mesmo, no chão."

O monge contestou:

"Mas eu disse que nada trazia, como então poderia pôr algo no chão?"

"Tudo bem então," comentou Chao-chou, despreocupado, "nesse caso, levai-o daqui."

164. Um Discurso Muito Importante

O Mestre Yao-shan há muitos meses que não dava uma palavra de orientação aos seus discípulos. Estes estavam confusos, e certo dia um discípulo foi à sua presença e disse: "Todos os discípulos anseiam pela orientação de seu Mestre. Por que vós estais tão silencioso?"

Yao-shan replicou:

"Muito bem. Toqueis o sino e conclamais todos no zendo do Templo. Farei um discurso muito importante."

O sino foi tocado e todos foram alegres para o salão de meditação, esperando pelo discurso de seu mestre. Yao-shan entrou, sentou-se em frente à todos, e permaneceu em silêncio. Passou-se dez minutos, vinte, trinta minutos, uma hora. Em determinado momento o sábio levantou-se e foi embora, encerrando a reunião.

O discípulo foi atrás dele correndo, chamou-o e perguntou:

"Mestre! Por que vais embora sem nos dizer uma palavra?!"

Yao-shan respondeu:

"Há intelectuais do Dharma para ensinar sutras, disciplinadores que ensinam apenas proibições. Mas sou um mestre Zen. Não adianta falar sobre isso, pois o Zen está além das palavras. Portanto, o que vós esperais de mim?"

165. O Ganso na Garrafa

Li-k'u, alto oficial do governo da dinastia T'ang, perguntou a Nan-chuan:

"Há muito tempo um homem mantinha um ganso dentro de uma garrafa. Este cresceu tanto que não podia mais sair da garrafa. O homem desejava retirá-lo, mas não desejava quebrar a garrafa nem ferir o ganso. Como poderíeis fazer com que saísse da garrafa nestas condições?"

O sábio repentinamente gritou:

"Li-k'u!!"

Li-k'u respondeu, assustado:

"O que foi?!"

O mestre disse, afastando-se:

"O ganso já está fora."

166. A Monja e o Koan Irrespondível

Tendo-se tornado monge há pouco tempo, Chu-chih (Gutei, em japonês) vivia em uma cabana de sapê, onde dia após dia dedicava-se à prática fundamental do Zen: o Aperfeiçoamento Pessoal. Um dia, uma monja chamada Chih-chi aproximou-se da cabana, deu três voltas à frente do jovem monge e disse:

"Dizeis apenas uma palavra e eu vos tiro o meu chapéu."

Chu-chih ficou estupefato. Não sabia o que dizer. Pensou: 'Isso é algum tipo de koan Zen, com certeza! Mas o que significa?!'. Como ele se mantinha em silêncio e perturbado, a monja simplesmente comentou:

"Como não podeis me dizer nada, vou embora."

E afastou-se. Chu-chih ficou lá, sentado, inquieto e sentindo-se fracassado. 'O que ela quis dizer? O que significa o chapéu?', ele pensava angustiado. 'Oh! Vencido por uma monja noviça! Como posso continuar aqui e chamar isso de Aperfeiçoamento Pessoal?', ele refletiu.

Preparou-se então para partir na manhã seguinte. Enquanto tentava dormir, apareceu um velho sábio. Este lhe perguntou:

"Vós pareceis muito perturbado! O que vos aflige tanto?"

Chu-chih contou tudo o que ocorrera. Ao final, comentou para o velho:

"A mente de um homem é inútil e sem dignidade. Não posso responder nem mesmo à questão de uma noviça!"

O mestre replicou:

"Gostarias de saber a resposta ao Koan?"

Chu-chih exclamou, aflito:

"Sim, sim Mestre!"

O Mestre então ergueu seu indicador e disse:

"Todas as Verdades estão aqui."

Neste momento Chu-chih obteve o Satori. Disse então, agradecido:

"Agora compreendo. A unidade do Tao é o Todo, o Todo é a unidade do Tao."

O velho sábio, como num sonho, sumiu de sua presença.

167. Sem Diferenças

Certo dia, um discípulo perguntou ao monge Pa-ling:

"Há alguma diferença entre o que disseram os patriarcas e o que está escrito nos Surtas sagrados?"

O sábio respondeu:

"Quando fica frio, os faisões empolaram-se nos galhos das árvores, e os patos mergulham sob a água..."

168. O Tao e o Mundo

Certa vez, o mestre Zen Fa-yun disse aos seus discípulos:

"Suponham que estejam em uma situação na qual, se avançarem perderão o Tao [o sentido da Vida], se recuarem, perderão o Mundo [a vivência Cotidiana], e se não se moverem, terão demonstrado uma ignorância tão grande quanto a de uma pedra. O que fariam?"

Um dos monges, confuso, disse:

"Neste caso, como evitar parecer ignorante?"

O Mestre respondeu:

"Abandonem o Apego e a Aversão, e saibam realizar todo seu potencial."

"Mas," replicou outro monge, "neste caso, como evitar perder o Tao ou o Mundo?! Ambos são fundamentais. Como podemos existir ignorantes do Sentido da Vida, ou ignorantes da maravilha da Existência Cotidiana?"

O sábio declarou, enfim:

"Avancem e recuem ao mesmo tempo, com fluidez e humildade!"

169. Entender

Certo dia, o monge Ch'uang-tze perguntou ao Mestre Ching-feng:

"O que é o Buddha?"

O mestre disse:

"O Deus do fogo busca pelo fogo."

O monge ficou eufórico e saiu gritando da entrevista, feliz, afirmando:

"Eu entendi!!! Eu REALMENTE entendi!!!!"

Ainda muito feliz consigo mesmo, ele voltou até o seu próprio mestre, Yang-ki, e este lhe perguntou:

"O que aprendestes com Ching-feng?"

"O Deus do fogo, que é em si o fogo, busca sua natureza em outro lugar!! Eu, que sou Buddha, busco o Buddha fora de mim!!!!" afirmava o monge, orgulhoso e feliz de sua descoberta.

Yang-ki comentou, triste:

"Eu pensei que vós tivésseis entendido, mas agora vejo que nada entendeu realmente." E foi-se embora.

O monge ficou pasmo. Pensou: 'O que?! Como é possível que eu não tenham entendido?!

Como posso estar errado?'. Ele correu até Yang-ki e pediu-lhe, desesperado:

"ESPERE! ESPERE! Dizei-me enfim: O QUÊ É BUDDHA?"

O mestre replicou:

"O Deus do fogo vem buscar o fogo."

O monge, neste momento, experimentou o Satori.

170. Conflito - Amor ou Paixão?

Havia uma monja chamada Eshun, que era uma mulher muito bonita. Um jovem monge apaixonou-se por ela. Sem poder resistir ao sentimento, escreveu-lhe uma carta propondo um encontro às escondidas.

No dia seguinte ao fato, tão logo o Mestre terminou a palestra, Eshun levantou-se e disse para o monge, em frente a todos:

"Vós me enviastes uma carta se dizendo enamorado. Entretanto, o Amor não é algo para ser realizado às escondidas, pois ele é pleno e sincero. Se vós realmente me amais e não simplesmente me desejais, venha aqui e abrace-me em frente a todos. O que há para esconder?"

Mas o monge abaixou a cabeça envergonhado. Na verdade, o que sentia não passava de luxúria...

171. O Mestre Certo

Os mestres Da-yu e Yu-tang aceitaram o convite para ensinar um alto oficial imperial sobre o Zen. Ao chegar Yu-tang apressou-se em dizer, politicamente:

"Vós pareceis um homem inteligente e receptivo, e isso é muito bom! Creio que serias um bom aprendiz Zen."

Mas Da-yu replicou, sem preocupar-se com suavidades:

"O que dizeis?! Este tolo pode ter uma alta posição, mas não perceberia o Zen nem se este lhe caísse na cabeça!"

O oficial, após ouvir os comentários, disse:

"Ouvindo o que ouvi, agora sei o que fazer para entender o Zen."

A partir de então, tornou-se estudando sob a orientação de Da-yu...

172. Transitoriedade

Certa vez, uma pequena onda do oceano percebeu que ela não era igual às outras ondas e disse:

"Como sofro! Sou pequena, e vejo tantas ondas maiores e poderosas do que eu! Sou na verdade desprezível e feia, sem força e inútil..."

Mas outra onda do oceano lhe disse:

"Tu sofres porque não percebes a transitoriedade das formas, e não enxergas tua natureza original. Anseias egoísticamente por aquilo que não és, e mergulhas em auto-piedade!"

"Mas," replicou a pequena onda, "se não sou realmente uma pequena onda, o que sou?"

"Ser onda é temporário e relativo. Não és onda, és água!"

"Água? E o que é água?"

"Usar palavras para descrevê-la não vai levar-te à compreensão. Contemples a transitoriedade à tua volta, tenhas coragem de reconhecer esta transitoriedade em ti mesma. Tua essência é água, e quando finalmente vivenciáres isso, deixarás de sofrer com tua egóica insatisfação..."

173. Vento Zen

Num certo templo o monge principal disse para um jovem acólito:

"Hoje faz um calor insuportável!!! Vás buscar um pouco de ar fresco para mim lá na Montanha da Fronteira, rápido!"

O monge toma um saco grande de linho e parte para a montanha, que se erguia imponente à frente do templo. No meio do caminho ele fica cansado, e resolve deitar-se um pouco para apenas descansar as costas. Mas logo se rende à fadiga e dorme profundamente. Quando acorda já é quase noite!

"Adormeci!", pensa ele, "Que vou fazer? Se eu voltar sem o vento, o superior me fará passar maus bocados!!!"

Após alguns minutos de reflexão, ele exclama:

"Já sei o que fazer!"

Ele levanta-se, ergue seu manto, coloca a boca do saco no traseiro e começa a soltar muitos "Pums", até que o saco fica cheio... Depois, com o saco na mão, retorna ao templo.

O monge principal o repreende, rabugento:

"Idiota! Estás atrasado!! Faz horas que estou à tua espera! Espero que tenha trazido um vento BEEEM fresco! Vamos, ponha o vento para fora!"

"Sim, senhor," diz o jovem, abrindo o saco...

"MISERICÓRDIA!!!! QUE BAFO!!!!", exclama o superior, "O vento hoje está uma fedentina!!!"

O jovem monge, malandramente disfarçando, comenta muito sério:

"É o calor, senhor! Em dias como esse, até o vento cheira mal..."

174. Onde Vai?

Em dois mosteiros vizinhos viviam dois jovens monges muito amigos. De manhã, sempre os monges se encontravam, cada um cuidando de seus afazeres. Certo dia, um dos monges estava varrendo o pátio de seu templo e, vendo aproximar-se o amigo, perguntou:

"Olá! Onde vais?"

O amigo respondeu, feliz:

"Vou aonde meus pés me levarem..."

O monge ficou intrigado com a resposta e comentou com seu mestre. Este lhe disse:

"Da próxima vez, diga-lhe: 'E se não tivesses pés?'"

Quando o jovem noviço viu o amigo de novo na manhã seguinte, fez a mesma pergunta já antecipando o momento em que pegaria o amigo de jeito, desta vez:

"Onde vais?"

Mas o outro disse:

"Aonde o vento me levar!"

O monge ficou frustado! Voltou ao mestre e contou a nova resposta, e este, sorrindo, disse: "Da próxima vez, diga-lhe: 'E se o vento parasse de soprar?'"

O jovem monge ficou encantado com a idéia:

"Sim, sim! Essa é boa! Agora ele não me escapa!"

No dia seguinte, ao amanhecer, ele viu seu amigo aproximando-se de novo. Perguntou-lhe: "Olá! Onde vais?"

O amigo parou, sorriu-lhe, e falou suavemente:

"Simplesmente vou ao mercado, meu amigo...", e seguiu seu caminho.

175. Predestinação Imprevisível

Certa vez um budista leigo chamado Pang foi visitar Yao-shan. Quando estava indo embora, o mestre pediu a dois hóspedes do mosteiro:

"Por favor, acompanhem-no até o portão."

Ao sair pela portão, Pang percebeu que começava a nevar. Maravilhado, comentou para seus companheiros:

"Ah, que lindo, vejam estes flocos de neve! Todos caindo no lugar certo!"

Um dos praticantes, riu-se arrogantemente e replicou, debochado:

"Ah! E onde deveriam cair exatamente flocos de neve?"

Pang virou-se e exclamou:

"IDIOTA! Olhe para você! Seus olhos vêm como um cego e sua boca fala como um mudo! E ainda se considera um praticante Zen!"

Koan: Qual o destino do que é impermanente e relativo?

176. Autopiedade

Dois velhos amigos se encontraram, após muitos anos. Entretanto, a vida tinha levado um a se tornar muito rico e o outro miserável.

Eles ficaram juntos muitas horas, trocando reminiscências e bebendo saquê. O homem rico era muito generoso e afável, mas seu amigo só sabia se entregar à autopiedade. Após certo tempo, o homem miserável adormeceu, e seu amigo, condoído com sua condição, resolveu lhe dar uma dádiva e antes de partir introduziu-lhe no bolso um belo diamante. "Se meu pobre amigo estiver em dificuldades poderá conseguir uma boa soma com a venda desta jóia", pensou o bom homem.

Anos se passaram e os dois amigos de novo se encontraram. Mas o homem miserável continuava assim, e ainda se lamentando.

"Mas como ainda estás tão pobre depois de tantos anos?", perguntou o rico, surpreso.

"Pobre de mim!", lamuriou-se o outro, "Sou inútil, e ninguém se importa comigo! Sou incapaz de ganhar dinheiro para sobreviver!"

"Tua autopiedade e egoísmo te fizeram um tolo! Não fosse tua profunda cegueira auto-indulgente, poderias há muito ter percebido o tesouro que deixei em teu bolso!"

177. Entender

Tozan perguntou a seu mestre Ugan:

"Quem pode entender o ensinamento das coisas não sensíveis?"

Ugan respondeu:

"Só as coisas não sensíveis podem entender o ensinamento das coisas não sensíveis."

Tozan então questionou:

"Para assim me responder vós entendestes ou experimentastes este ensinamento?"

Ugan afirmou:

"Se eu pudesse entendê-lo, tu não o poderias."

178. A bela noite

Baso e seus três discípulos, Hyakujo, Nansen e Chizu (o nome deste último significa "armazém de Sabedoria"), contemplavam, juntos, a bela lua de Outono.

Hyakujo disse:

"Esta é uma noite ideal para realizar-se uma cerimônia budhista!"

Nansen disse:

"Esta noite é perfeita para fazer zazen."

Mas Chizu nada disse. Contemplava, com um suave sorriso, a bela lua naquela linda noite...

O Mestre Baso então comentou:

"O Sutra acabou de preencher o "armazém de Sabedoria". Depois retornou ao Oceano, ao Universo..."